



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E
RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS/PPGER**

FÁTIMA VIEIRA SANTOS

**HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS TRAÇADAS PELA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL NEGRA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA.**

**ITABUNA – BAHIA
2023**

FÁTIMA VIEIRA SANTOS

**HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS TRAÇADAS PELA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL NEGRA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA.**

Memorial apresentado à Universidade Federal do Sul da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnicos Raciais-PPGER, área de concentração em Pós-colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnicos-Raciais, para a obtenção do título de Mestre, com orientação da Prof.^a Dr.^a Daniela Galdino Nascimento.

ITABUNA – BAHIA
2023

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S237h Santos, Fátima Vieira, 1983 -
Histórias e vivências traçadas pela literatura infanto-juvenil negra:
caminhos para uma educação antirracista. / Fátima Vieira Santos. – Itabuna,
2023.
85 f.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Nascimento Galdino
Memorial Descritivo (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa de Pós-Graduação em
Ensino e Relações Étnico-Raciais. Campus Jorge Amado.

1. Lei 10.639/03. 2. Educação Antirracista. 3. Literatura Infanto-Juvenil de
Autoria Negra. I. Galdino, Daniela Nascimento. II. Título.

CDD – 370.19342

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICORACIAIS

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de 2023, às 09:00 horas, na plataforma virtual Google Meet, realizou-se a defesa de produto final, intitulado: “HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS TRAÇADAS PELA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: Caminhos para uma educação antirracista”, de autoria da candidata Fátima Vieira Santos, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelas professoras: Professora Doutora Daniela Galdino Nascimento, presidente, Professora Doutora Zoraide Portela Silva, examinadora externa, Professora Doutora Cynthia Barra, examinadora interna. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a candidata foi aprovada pela Comissão Examinadora. Foi concedido um prazo de 60 dias para que o Mestranda entregue o trabalho em sua redação definitiva na Secretaria Acadêmica e na Biblioteca do Campus. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

Zoraide Portela da Silva

Professora Doutora Zoraide Portela Silva (PPGELS-UNEB) - Examinadora Externa à Instituição

Assinado de forma digital por
Cynthia de Cássia Santos Barra
Dados: 2023.08.31 11:15:04 -03'00

Cynthia de Cássia
Santos Barra

Cynthia de Cássia Santos Barra

Professora Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra (PPGER-UFSB)- Examinadora Interna

Daniela Galdino Nascimento

Professora Doutora Daniela Galdino Nascimento (PPGEL-UNEB; PPGER-UFSB) - Presidente

*Dedico este trabalho a Deus
Percebo Deus no sorriso das crianças
Percebo Deus do desabrochar da flor
Percebo Deus na luz do luar
Percebo Deus nas águas a bailar
Percebo Deus nas cores das borboletas,
Principalmente as pretas
Percebo Deus na alegria de escrever
Percebo Deus no meu viver.
Percebo Deus assim.*

*A mãe, Mulher guerreira, mãe do amor
Amor de mãe, maior não há.
Ela é minha motivação, ela é minha mãezinha.*

*A filha Sofia é sabedoria
Sofia é luz
Sofia é alegria
Sofia é minha neguinha
Sofia minha companhia
Sofia olhos de jabuticaba
Sofia cheiro de jasmim
Sofia cheia de doçura
Sofia cheia de ternura
Sofia cheia de chamego
Sofia meu aconchego.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas lutas e conquistas.

Agradeço a minha mãe Risonete Vieira, pelas orações, por acreditar que é possível.

Agradeço a minha amiga Juciara Perminio, a Thaise Paixão e a Jorge Axé, pelo incentivo e contribuições.

Ao meu avô Daniel Silva (*in memorian*) por ter me dado o meu primeiro livro de literatura.

Aos demais familiares e amigos que de alguma forma me incentivaram, apoiaram, torceram e acreditaram que era possível, muito obrigada.

À minha orientadora Daniela Galdino Nascimento, uma pessoa iluminada que acreditou em mim e percorreu comigo cada passo desta pesquisa, fazendo provocações e proporcionando momentos de estudos, minha eterna gratidão.

Às minhas amoras, Janaina Luanda e Adriene Viana que com as suas amizades tornaram o curso de mestrado mais leve.

A todas as educadoras e todos os educadores que ao longo da minha vida participaram da minha formação escolar e acadêmica, em especial os docentes e as discentes do PPGER, muito obrigada.

Ao ponto de Cultura: Eu quero ler! E seus participantes pelo incentivo e por fazer parte da minha trajetória.

Aos meus alunos/as que fizeram parte deste processo de investigação, em especial a Samuel Conceição Rodrigues (*in memorian*) que adorava ler e desenhar. Saudades eternas do meu menino.

À Escola Municipal Acúcio Magalhães e toda equipe por acreditar que é possível uma educação antirracista.

Gratidão!

RESUMO

O presente Memorial, intitulado ‘Histórias e Vivências Traçadas pela Literatura Infanto-Juvenil Negra: caminhos para uma educação antirracista’, tem por objetivo apresentar reflexões a respeito das práticas antirracistas a partir da literatura infanto-juvenil de autoria negra,. O mesmo está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo traz um relato sobre a minha trajetória de vida enquanto mulher negra, professora nos anos iniciais do ensino fundamental numa escola pública no município de Ubaitaba-BA. No segundo capítulo busco aprofundar os estudos sobre a Literatura infanto-juvenil de autoria negra para construção de uma educação antirracista e argumentar a importância de escritores negros/as na literatura infanto -juvenil. No terceiro capítulo analisamos obras de literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras e como produto final propomos oficinas para trabalhar o livro de literatura infanto-juvenil de autoria negra na Escola Municipal Acúcio Magalhães. Dialogamos com a lei 10.639/03 enquanto política que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica. É de suma importância incluir no cotidiano escolar a literatura infanto-juvenil de autoria negra, a partir da qual podemos combater o racismo pelas vias da descolonização das mentes e corpos marcados pela colonialidade. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica onde, para subsidiar a compreensão desse processo, nos baseamos em diversos pesquisadores como Gomes e Silva (2002), Munanga (2001), Oliveira (2014) Cuti (2010), Kilomba (2019), Dalcastagnè (2012), Nascimento (2019) Andrade (2010) entre outros/as pesquisadores/as que apontam a necessidade de uma educação antirracista no espaço escolar.

Palavras-chave: lei 10.639/03; educação antirracista; literatura infanto-juvenil de autoria negra.

ABSTRACT

This Memorial, entitled 'Stories and Experiences Traced by Black Children's Literature: paths to anti-racist education', aims to use black-authored children's literature to work towards anti-racist education in the school space. It is split between three chapters. The first chapter provides an account of my life trajectory as a black woman, a teacher in the early years of elementary school at a public school in the city of Ubaitaba-BA. In the second chapter, we seek to deepen studies on children's literature written by black authors in order to build anti-racist education and argue the importance of black writers in children's literature. In the third chapter, we analyze works of children's literature written by black women and as final product, we propose workshops to work on children's literature books written by black women at the Escola Municipal Acúcio Magalhães. We dialogue with Brazilian law 10,639/03 as a policy that establishes the mandatory teaching of Afro-Brazilian history and culture in basic education. It is extremely important to include children's and young people's literature written by black authors in everyday school life, from which we can combat racism through the decolonization of minds and bodies marked by coloniality. The study was carried out through bibliographic research where, to support the understanding of this process, we have based on several researchers such as Gomes e Silva (2002), Munanga (2001), Oliveira (2014) Cuti (2010), Kilomba (2019), Dalcastagnè (2012), Nascimento (2019) Andrade (2010) among others who point out the need for anti-racist education in the school space.

Keywords: Brazilian law 10,639/03; anti-racist education; children's literature by black authors.

LISTA DE SIGLAS

ACAPEB	Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa
APBL	Associação dos/as Professores/as Licenciados/as do Brasil/Seção Bahia
GELBEC	Grupo de Estudos de Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília
GRUPELE	Grupo de Estudos sobre Literatura e Etnicidade
IF BAIANO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
LEALL	Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura
LIJAFRO	Literatura Infanto- Juvenil Afro-Brasileira
PPGER	Programa de pós-graduação em ensino e relações étnicos raciais
SECULT -BA	Secretaria Estadual de Cultura da Bahia
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Minha Infância.....	17
Figura 2	Oficina de contação de história.....	21
Figura 3	Brincadeiras Populares	22
Figura 4	Biblioteca itinerante nos espaços da cidade.....	23
Figura 5	Reunião no Assentamento Santa Irene	25
Figura 6	Cartaz do projeto Além dos Olhos Negros	26
Figura 7	Desfile da beleza negra	26
Figura 8	Exposição de fotografias.....	27
Figura 9	Canal “A hora de contar um conto e ganhar um ponto”	50
Figura 10	Cortina Literária	51
Figura 11	Contação de histórias pela pesquisadora	52
Figura 12	Capa do livro <i>Meu crespo é de rainha</i>	54
Figura 13	<i>Meu crespo é de rainha</i> . Representação dos cabelos crespos	55
Figura 14	<i>Meu crespo é de rainha</i> . Representação de penteados nos cabelos crespos.....	57
Figura 15	Capa do livro <i>Que cor é minha cor?</i>	60
Figura 16	<i>Que cor é minha cor?</i> – categoria corporal	61
Figura 17	<i>Que cor é minha cor?</i> – Famílias negras	62
Figura 18	<i>Que cor é minha cor?</i> – Elementos geográficos de articulação África e Brasil	62
Figura 19	capa do livro <i>Capoeira</i>	64
Figura 20	<i>Capoeira</i> . Representação da roda de capoeira	65
Figura 21	<i>Capoeira</i> . Diversidade brasileira.....	66
Figura 22	<i>Capoeira</i> - representatividade do mestre de capoeira	67
Figura 23	<i>Capoeira</i> – A origem da capoeira	68

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1 EU, MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS LUTAS: UM PERCURSO EM CONSTRUÇÃO.....	15
1.1 Por onde andei, o que fiz, aqui estou.....	16
1.2 A descoberta da importância da literatura negra e brincadeiras populares para a afirmação de identidade da criança negra.....	21
1.3 Tecendo o caminho antirracista da graduação, especialização e mestrado	28
2 LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	35
2.1 Inclusão de literatura infanto-juvenil de autoria negra após a lei 10.639/03	36
2.2 Literatura infanto-juvenil de autoria negra: um olhar antirracista	40
2.3 Autores/as negros/as na literatura infanto-juvenil, novas perspectivas para uma educação antirracista	44
3 ANÁLISE DE OBRAS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS.....	49
3.1 Meu crespo é de rainha- bell hooks.....	53
3.2 Que cor é minha cor? Martha Rodrigues.....	59
3.3 Capoeira- Sônia Rosa	63
3.4 Roteiro de oficina para formação de educadoras, para uma educação antirracista usando a literatura infanto-juvenil de autoria negra	68
3.4.1 Identificação.....	69
3.4.1.1 Título: Literatura Infanto-juvenil de Autoria Negra: Caminhos para uma educação antirracista	70
3.4.1.2 Sub-temas dos encontros	70
3.4.2 Roteiro dos Encontros	71
3.4.2.1 Encontro I - POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	71
3.4.2.2 Encontro II - REPENSANDO O PPP DA ESCOLA ACÚCIO MAGALHÃES À LUZ DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	72

3.4.2.3	Encontro III - REDISCUTINDO O PPP – INCLUSÃO DA LEI NO CURRÍCULO DA ESCOLA PÚBLICA ACÚCIO MAGALHÃES.....	73
3.4.2.4	Encontro IV - LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: REFLEXÕES E PRÁTICAS.....	74
3.4.2.5	Encontro V - LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA	76
3.4.2.6	Encontro VI - LITERATURA INFANTO JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	77
3.4.3	CRONOGRAMA.....	78
	ANEXOS	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
	REFERÊNCIAS	83

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há vinte anos foi incluído no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, um dos mais importantes marcos da educação nacional, a lei 10.639/03, que tornou obrigatório o conteúdo programático que incluiu o estudo de História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição dos povos negros nas áreas sociais, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

A lei 10.639/03 é um marco na educação brasileira por instituir como obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica. Representa, portanto, um avanço nas políticas públicas educacionais ao abrir possibilidades para que os estudantes negros pudessem se reconhecer nas histórias contadas e lidas. Além disso, podemos dizer que esta lei vem contribuindo com a circulação de literatura infanto-juvenil de autoria negra na escola e com o combate ao racismo através da descolonização de mentes e corpos marcados pela cultura eurocêntrica.

Ainda que haja uma maior inserção de autores negros no campo da literatura, constata-se um déficit no que concerne à quantidade de títulos publicados por autores negros e brancos. “De acordo com pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos de Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília, que apuraram dados justamente de um decênio após a promulgação da lei 10.639 de 2003, obtiveram dados dos escritores no cenário da literatura contemporânea, apenas 2,5% são autores negros, 6,9% dos personagens das histórias negros, 4,5% tinham como protagonistas negros” (DALCASTAGNÉ, 2012).

Dessa forma, para trabalhar literatura infanto-juvenil de autoria negra nas escolas sob uma perspectiva de descolonização, enfrentamento de racismo e preconceito, faz-se necessário uma análise das autorias das obras a fim de encontramos escritores nas produções literárias negras que, em suas produções, publicaram narrativas que contribuem para uma educação antirracista e valorizam a identidade das crianças negra no espaço escolar.

Esta pesquisa surge a partir da minha relação com a temática em tela, tendo em vista a identificação com o tema e a participação no *Ponto de Cultura Eu Quero Ler*, no município de Gongogi-BA, que desenvolve projetos voltados para valorização da literatura infanto-juvenil negra por meio de oficinas de contação de histórias, além de meus estudos acadêmicos na graduação que culminaram com a produção do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia que analisou algumas obras literárias publicadas após a lei 10.639/03.

A partir daí, surgiu a necessidade de continuar os estudos de forma mais aprofundada e sistematizada, o que me possibilitaria interferir de forma mais concisa no cotidiano escolar. Percebi, durante a pesquisa de especialização em Educação Científica e Cidadania no IFBAIANO - campus Uruçuca-BA, a necessidade de continuar os estudos sobre as questões étnico-raciais no espaço escolar, o que culminou na produção de um artigo científico intitulado 'A literatura infantil afro-brasileira no processo de afirmação de identidade negra'. O meu interesse em continuar estudando essa temática no Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-racial na Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB- campus Jorge Amado em Itabuna-BA, deve-se ao desejo de aprofundar conhecimento, visto que o processo de descolonização das nossas mentes é um ato contínuo.

Diante dos debates atuais envolvendo as questões étnico-raciais em nossa sociedade brasileira marcada tanto por desigualdades sociais e injustiças quanto por lutas e resistência étnica e cultural dos grupos, a pesquisa traz reflexões sobre a literatura infanto-juvenil de autoria negra e análise de obras infanto-juvenis de autoria de mulheres negras publicadas após a lei 10.639/03; tendo em vista a importância de temáticas negras no processo de ensino e aprendizagem através do uso da literatura infanto-juvenil de autoria negra nas práticas pedagógicas durante todo o ano letivo.

Diante das reivindicações do movimento negro e de diversos movimentos sociais e intelectuais engajados na luta antirracista, a demanda da comunidade negra e indígena no que se refere à educação passou a ser particularmente apoiada com a promulgação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e nas escolas públicas e particulares (BRASIL, 2003).

Em 17 de junho de 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana constituíram uma importante política na promoção de uma educação antirracista que visa possibilitar uma inserção social mais igualitária a estes grupos.

Neste sentido, considerando a escola enquanto espaço de aprendizagem que se estabelece a partir das relações interpessoais e da socialização das diferentes culturas, valores, crenças e saberes, os/as educadores/as devem estar atentos/as aos materiais utilizados com as crianças quanto às questões étnico-raciais. É importante selecionar materiais de autores negros que tenham uma representação na literatura infanto-juvenil, que trazem vivências racializadas e dessa forma promovem o processo de descolonização.

Infere-se, portanto, que trabalhar o currículo sob uma perspectiva crítica depende do

processo de formação de cada educador/a, da sua ideologia e do seu pertencimento político. É possível desconstruir o pensamento racista imposto pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2002) no currículo a partir de práticas e atitudes que levam a recolocar as relações raciais no centro do fazer pedagógico para de fato promover uma educação antirracista.

A pesquisa parte de minha inquietação e desejo em trabalhar essa temática negra no cotidiano da Escola Municipal Acúcio Magalhães, no município de Ubaitaba-Ba. Partimos, assim, da seguinte problemática: Como as obras de literatura infanto-juvenil de autoria negra contribuem para uma educação antirracista no espaço escolar? Diante do problema exposto, visamos contribuir para uma educação antirracista propondo oficinas e abordagens sobre o uso da literatura infanto-juvenil de autoria negra para as educadoras que atuam na comunidade escolar. Pretendemos, a partir do presente estudo, analisar as obras de literatura infanto-juvenil de autoria negra para serem trabalhadas sob o viés de uma educação antirracista no espaço escolar em consonância com a 10.639/03.

Este memorial é dividido em três partes: no primeiro capítulo, apresento um breve relato da minha história de vida desde a infância; minhas vivências enquanto mulher negra e professora efetiva dos anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Acúcio Magalhães no município de Ubaitaba-Ba; as influências que me levaram a buscar a literatura infanto-juvenil como forma de alfabetização e, posteriormente, como uma literatura que contribuiu para a afirmação da minha identidade negra; além disso, apresento minha caminhada acadêmica em busca de formação no curso de Pedagogia e na pós-graduação em Educação Científica e Cidadania buscando, através desse relato, demonstrar a necessidade de desenvolvermos uma educação que, de fato, represente a realidade dos educandos a partir das séries iniciais.

Apresentamos, no segundo capítulo, a literatura infanto-juvenil de autoria negra, na perspectiva de fortalecimento de uma educação antirracista, na medida em que mostra as possibilidades de ocupação de um lugar social historicamente negado aos personagens negros e negras. Após a criação da lei 10.639/03 percebemos a divulgação e circulação deste tipo de literatura que traz pontos positivos sobre a desconstrução de estereótipos, do preconceito, do racismo e valoriza a identidade, cultura, religião e características das crianças negras, tornando-se um material necessário para uma educação antirracista.

Por fim, no terceiro capítulo analisaremos obras de literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras. Selecionamos três escritoras que consideramos representativas

para as práticas de mediação literária antirracista, como bell hooks (1999) com o livro intitulado **Meu Crespo é de rainha**.

Nessa primeira obra foi analisada a importância da obra em fomentar imagens positivas para as crianças negras e não negras numa reflexão fundamental: a busca pela identidade em um mundo onde a diversidade é tão pouco valorizada e os cabelos crespos como forma de representatividade da identidade negra. Com ilustrações de Chris Raschka e tradução do poeta Nina Rizzi, o livro é apresentado na forma de um poema rimado que é em suma uma ode à liberdade, com destaque para a leveza do texto e cada ilustração como forma de expressão verbal e visual.

Em **Capoeira**, de autoria de Sônia Rosa, (2006), a análise foi feita através da escrita e imagens da obra, visando perceber a luta dos povos negros bantos de Angola e a capoeira enquanto prática de resistência contra a escravidão.

A terceira obra, de autoria de Martha Rodrigues, com ilustrações de Rubem Filho e intitulada **Que Cor é minha Cor?** (2005), traz no seu enredo a história de uma criança que reconhece a sua identidade corporal e cultural, associando-as a representações positivas de elementos compostos na natureza, assim como a associação das cores dos lápis com a multiplicidade de cores das pessoas que compõem cultural e historicamente a população brasileira. As categorizações construídas perpassaram pelo entendimento da identidade corporal e cultural, subdividindo-se entre atributos e elementos da ilustração e enredo.

As três obras proporcionam categorias de análise diversificadas e significativas por se tratarem de traços de herança africana como: cabelo crespo, cor de pele, cultura e luta de resistência. Esta pesquisa, portanto, torna-se relevante pelo fato de trazer para o espaço escolar uma literatura afirmativa sobre questões negras. Consideramos importante evidenciar as vozes negras na literatura infanto-juvenil e utilizar essas e outras obras em nossa prática pedagógica, em compasso com as políticas educacionais que incentivam a inclusão da literatura infanto-juvenil de autoria negra na escola.

Desejo com essa pesquisa oferecer contribuições para o ensino de literatura infanto-juvenil, de modo que educadoras/es e educandas/os possam conhecer e se reconhecer na diversidade cultural e na valorização das identidades negras presentes na nossa história brasileira.

1 EU, MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS LUTAS – UM PERCURSO EM CONSTRUÇÃO

*“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”
(RIBEIRO, 2017)*

Este capítulo objetiva apresentar a Literatura Infanto-Juvenil de autoria Negra como instrumento de alfabetização, incentivo à leitura, valorização e afirmação de identidade das crianças negras. Partiremos de reflexões acerca das questões étnico-raciais que atravessaram e atravessam a minha história, na busca pelo reconhecimento da minha identidade negra a partir das reflexões contidas nas histórias lidas e ouvidas.

Nos anos 80 meu pai, José Frides dos Santos, sertanejo, negro, trabalhador rural da cidade de Itapicuru-Ba migrou para a região sul da Bahia em busca de trabalho na monocultura do cacau que na época era o “ouro” dos fazendeiros. Chegando na fazenda “Quatro irmãs”, zona rural do município de Gongongi-Ba, conheceu minha mãe Risonte Vieira Santos, uma adolescente negra de 14 anos. Logo se casaram e retornaram ao sertão da Bahia especialmente para a cidade natal do meu pai. Eu nasci em 1983, filha de uma adolescente que sempre narra as dificuldades sofridas no relacionamento com o meu pai, homem sem escolarização, visto que o contexto educacional daquela época não incluía sua classe, além das condições precárias da vida que exigiam o trabalho braçal desde a infância. Pela pouca idade, adolescente sem alfabetização, era submissa ao marido e à família dele, vivendo as opressões do machismo e do patriarcado como ainda é presente na sociedade brasileira.

Embora eu mencione meus pais como negros, eles sempre negaram suas identidades. Diziam que consta na certidão de nascimento que são pardos. Isso sempre me incomodou, pois eu sabia que não existia a cor parda nas cores que eu conhecia, e não entendia o porquê dessa negação, uma vez que os nossos corpos expressavam a negritude o tempo todo. Ainda assim, minha mãe sempre se aborrecia comigo quando eu dizia ser negra. Munanga (2002) contribui com esse debate argumentando que:

Neste sentido, a maioria da população brasileira, negra e branca, introjetou o ideal do branqueamento, que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo como também na formação da auto-estima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca. (MUNANGA, 2002, p.11).

A negação da identidade negra contribui para as pessoas terem a autoestima baixa em decorrência da inadequação aos padrões eurocêntricos que reforçam a ideia de braqueamento como valor. A escola deve ser um ambiente que desmistifique toda forma de racismo e preconceito, oportunizando a valorização e história da população negra no Brasil.

1.1 Por onde andei, o que fiz, aqui estou

Aos sete anos, minha mãe me matriculou numa escola rural de classe multisseriada onde o método de alfabetização era o ABC. A cartilha utilizada intitulava-se “Caminho Suave”, da autora Branca Alves de Lima. Nesse sentido fui alfabetizada de forma tradicional, com um método que obedece a normas metodológica e linguística, sendo necessário me apropriar da leitura para poder aprender o que a escola me negava.

A literatura infantil contribuiu para que eu pudesse refletir sobre o cotidiano. Recordo-me que durante a tarde eu ia para a casa-grande ler. Esse termo “casa-grande” era a casa da família do proprietário rural e, inicialmente, o termo não era utilizado para designar toda a residência e sim um lugar “diferente” da fazenda: uma casa grande com varandas, quartos, banheiros e móveis de madeira, fruto da exploração e desatamento. Era uma casa bonita que ficava fechada e só podia ser usada pelo fazendeiro quando ele visitava o local, poucas vezes ao ano. Ele trazia revistas, jornais antigos que eu gostava de ler, pois não tinha livros.

Lembro que na casa-grande tinha tudo: banheiro com chuveiro, cozinha com fogão a gás, enquanto na casa dos trabalhadores não tinha nada. O que tinha era improvisado pelas famílias. Não havia banheiro, o fogão era a lenha, a luz era de vela, a casa dos trabalhadores não tinha conforto e nem saneamento básico e hoje sei porque as crianças viviam doentes com verminoses, piolhos e problemas respiratórios. Vivi o resquício da escravidão e exploração da mão de obra infantil.

O meu pai, que administrava a fazenda, colocava as crianças para plantar as mudas de cacau no período que não estavam na escola, além de termos que buscar a lenha na roça e água não potável para o consumo. A minha família não tinha a prática de comprar livros, por não ter condições e nem compreender a importância na nossa vida, não sabendo ler ou escrever. Mesmo assim a minha mãe lutou muito para que todos os seus filhos e filhas estudassem e dizia que seu sonho era que fizéssemos uma faculdade para termos independência financeira.

Na casa-grande eu lia histórias de um livro cujo nome não me recordo, que foi presente de meu avô materno Daniel Silva (*in memoriam*). Eu também ouvia histórias no rádio a pilha, pois lá não tinha energia elétrica. Tenho memórias do programa de “tia Leninha” quando eu ouvia atentamente cada história contada. Lembro das sensações de prazer que sentia ao escutar histórias infantis clássicas como Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, A Festa no Céu, dentre outras. Eu viajava na imaginação. Aquelas histórias me provocavam sentimento de medo, de alegria e de esperança, pois eu tinha certeza de que um dia eu iria contar muitas histórias e seria uma professora como a “Tia Heleninha” — essa educadora que passou mais de 20 anos levando pelas ondas do Rádio lições que jamais serão esquecidas.

Ter acesso a contação de histórias me fez aprender a ler e compreender o mundo e isso refletiu na sala de aula, pois eu sempre me destacava nas atividades e estando à frente da série que cursava. Quando estava na 1ª série do ensino fundamental, numa escola na fazenda “Monte Verde” no distrito de Nova Palma (município de Gongogi-Ba, região sul da Bahia), a professora Helenilda Gomes percebeu o meu bom desempenho na leitura e na escrita e fez uma prova de reclassificação. Fui promovida para a 2ª série e no final do ano fui para a 3ª série do ensino fundamental.

Figura 1 - Minha infância



Fonte: arquivo pessoal da minha primeira professora

A figura acima representa o momento em que eu participava de um desfile cívico no povoado de Nova Palma, município de Gongogi-BA, em comemoração ao sete de setembro, dia da “Independência do Brasil”. Do meu lado está minha prima, Vânia Silva Santos. A expressão facial não é de contentamento, pois a nossa escola estava representando

a pesca e a caça. Lembro de estarmos com uma vara de anzol representando as pescadoras e, por mais que minha mãe tivesse o cuidado de comprar roupas novas para a gente participar desse evento, eu não queria participar, pois estava com vergonha. Eu não era e nem queria ser pescadora, além me vexarem os olhares e os risos da comunidade enquanto desfilávamos. Na ala dos meninos caçadores, estavam com uma espingarda ao ombro e puxavam um cachorro com a outra mão.

Me senti muito humilhada, pois as meninas do povoado fizeram apresentações belíssimas como danças, jogos e brincadeiras. A partir desse dia nunca mais participei de um desfile cívico. Na minha juventude comecei a participar do “Grito dos excluídos” e hoje, como educadora, me nego a participar de uma data histórica que é fruto do processo de colonização portuguesa. Prefiro trabalhar com o tema diversidade e mostrar a cultura e arte da Bahia para os pequenos sem exposição em fila de desfile, podendo ser uma apresentação cultural no espaço escolar ou na comunidade.

Como aponta Grada Kilomba (2019), a violência do apagamento das memórias estabelece traumas e também autoconsciências. Para bell hooks (2019), olhar não apenas pela câmera, mas fixar o outro foi um ato historicamente construído como ameaçador quando parte de pessoas negras. Ao olhar no olho de seus senhores, escravizados/as poderiam ser punidos brutalmente. Não lhes fora dado o direito de olhar e o direito de controlar o olhar negro, por parte de seus senhores, era a negação de sua subjetividade.

O “controle branco sobre o olhar negro”, como nos coloca bell hooks (2019), cultivava práticas de desumanização desses corpos. “Para ser totalmente um objeto, era preciso não ter a capacidade de ver ou reconhecer a realidade” (HOOKS, 2019, p.300). Olhar para baixo, desviar, estar em funções ou afazeres que os invisibilizam, dentre outras performatividades corporais controladas, expressam o “domínio do invisível” a que foram submetidas as existências negras. “Olhar diretamente era uma afirmação de subjetividade, igualdade. A segurança residia numa falsa invisibilidade” (hooks, 2019, p.300).

Que todas as tentativas de reprimir o nosso direito – das pessoas negras – de olhar produziram em nós um desejo avassalador de ver, um anseio rebelde um olhar opositor. Ao olhar corajosamente, declaramos um desafio: “Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade” (hooks, 2019, p.300).

A falta de registros fotográficos na infância causou-me impactos negativos sobre a minha real história, sobre meus antepassados. Lembro do meu saudoso avô Daniel, branco,

que não tinha nenhuma semelhança com minha mãe. Foi através das nossas conversas e as minhas perguntas curiosas que pude conhecer um pouco da minha história e entender cada fato ocorrido. A minha mãe era filha adotiva do meu avô Daniel, que narrou os fatos e como aconteceu todo o processo de separação da minha mãe com os seus familiares. Em 1987, eu conheci minha avó materna, uma mulher negra que relatou ter, por não possuir condições de criar a minha mãe, “dado” para uma família que não tinha filhos. Esse passado inviabilizado por falta de registros fotográficos e documentos me causou curiosidade para conhecer as minhas raízes e entender a minha identidade negra.

No ano de 1994 passei a morar na cidade de Gongogi-Ba para continuar estudando. Fui matriculada na Escola Municipal Roberto Santos. Na hora do recreio eu ia para a biblioteca da escola ler, enquanto meus colegas brincavam. Meus pais não tinham condições de comprar livros, assim, eu aproveitava para ler na escola. Tive acesso aos gibis da turma da Mônica, livros do autor Monteiro Lobato e em casa eu lia a bíblia, visto ser o único livro que tínhamos.

Em 1996 estudei a 5ª série no Colégio Estadual José Araújo Pereira e lá havia uma professora de Língua Portuguesa que trabalhava um escritor diferente a cada semestre, indicando obras para a gente ler, fichar, fazer apresentações. Me sentia muito feliz, mas me recordo que os personagens negros eram sempre representados em um papel de subalternidade, mulheres sensuais, domésticas, amas de leite, cozinheiras, damas de companhia, dentre outros papéis.

Lembro que os romances do escritor Jorge Amado, em especial *Gabriela, cravo e canela*, erotizava muito aquela personagem. Em diálogo com a professora percebi que ela não permitia opiniões contrárias por se tratar de um grande gênio da literatura baiana. Hoje percebo que o romance representa um pensamento e comportamento de um período específico e utilizá-lo sem atrelar a uma postura de criticidade reflete o contexto educacional da época, principalmente no que tange à formação de educadores, que não favorecia a uma postura diferente. De acordo Munanga (2001).

(...) a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvidas de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. (MUNANGA, 2001, p. 09).

A prática pedagógica voltada para as relações étnico-raciais no cotidiano das escolas ainda é um desafio. Educadores/as precisam de formação continuada para trabalhar com a temática, pois percebemos ainda uma resistência para cumprir a lei 10.639/03 no espaço escolar. É sabido que os educadores/as foram formados a partir de um currículo marcado pela colonialidade que forja a normalidade, colocando a cultura eurocêntrica como padrão a ser seguido. Subverter essa lógica leva tempo e esforço coletivo.

A sociedade brasileira, como qualquer outra sociedade, diante da diversidade sócio-econômica e cultural dos diferentes grupos que nela partilham o cotidiano das relações entre sujeitos sociais e instituições, conforma um campo de tensão social e político de muitos matizes que nele se confrontam, ensejando lutas e demandas as mais diversas. Por essa razão e dinâmica, os processos de complementaridade, contradição e conflito inerentes ao espaço escolar originam movimentos sociais de pressão por direitos incidentes sobre diversos grupos sociais e instituições.

Dizer que a escola é um dos espaços sociais incumbidos da reprodução de ideologias não exclui a sua existência enquanto espaço de resistência e reelaboração de conhecimentos e valores instituídos socialmente. Evidencia-se, assim, a escola na dupla dimensão da educação: a dos saberes “todos somos universais” e a dos saberes produzidos por diferentes processos. Portanto, superar racismos, discriminações, reconhecer valores e práticas diversas próprias de diferentes grupos étnico-raciais tem sido um desafio do campo educacional.

Por tudo isso, a formação de educadores/as não pode ser restrita ao processo de desenvolvimento de competências técnicas e instrumentais inerentes ao campo profissional, mas requer do educador /a o reconhecimento de concepções de sociedade e de política presentes na atividade profissional que irá exercer ou que já exerce. Estes pontos dependem do engajamento político e escolarização, vale dizer, as trajetórias sociais, escolares e profissionais daquele que é ou aspira ser educador/a, ou seja, sua história de vida como matéria-prima de reflexão e crítica a partir, portanto, de si.

O caminho na formação de educadores/as reflexivos se faz mediante a compreensão do processo educativo, não apenas como ensino, mas também como aprendizagem que se faz de modo permanente e contínuo, dentro e fora da escola.

1.2 A descoberta da importância da literatura de autoria negra e brincadeiras populares para a afirmação da identidade das crianças negras

Nossa escrivência não pode ser lida como história para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los nos seus sonhos injustos (EVARISTO, 2007, p. 21).

Concluí o mestrado em 2002 e procurei me inserir em projetos sociais a fim de continuar estudando. Comecei participando do pré-vestibular solidário da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB). Fui convidada para participar do projeto “A hora do Conto” e lá me encontrei novamente com a literatura infanto-juvenil. Participei durante muitos anos contando histórias para crianças e adolescentes da comunidade de Gongogi.

Figura 2 – Oficina de contação de histórias



Fonte: Acervo da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa - ACAPEB

O projeto “A Hora do Conto” surgiu motivado pela identidade negra dos integrantes do projeto, unidos com vistas a incentivar a leitura de histórias com personagens negras e refletir sobre a importância de conhecer e valorizar nossas matrizes africanas. Na verdade, acontecia ali um processo decolonial, sendo a decolonialidade considerada um caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante tantos anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

A associação Cultural e Beneficente Antônio Perreira Barbosa foi fundada em 1998,

por jovens oriundos da Igreja católica. A partir dessa organização, a juventude envolvida iniciou uma série de ações que contribuiu copara a construção democrática no município de Gongogi e implementou projetos nas áreas de arte-educação e cultura popular, visando a valorização dos personagens que estão no anonimato da história. Essas ações culminaram no resgate do folclore infantil e potencializaram manifestações culturais, a exemplo do samba-de-roda.

Dentre os diversos projetos em andamento destacam-se: Biblioteca Comunitária, Biblioteca Itinerante, A Hora do Conto, Teatro do Oprimido, Pré-Universitário Popular, Alfabetização de Jovens e Adultos, Teoria e Prática Musical, dentre Outros. A iniciativa de seu fundador, José Jorge Souza, rendeu vários prêmios a níveis regional, estadual e nacional, a exemplo do reconhecimento da entidade como Ponto de Leitura, através do Prêmio Machado de Assis, com o Projeto Re-significando a história, que potencializou a Biblioteca Comunitária e seus programas; a aprovação do Projeto Eu Quero Ler em edital público do Programa Mais Cultura, que transformou a ACAPEB em Ponto de Cultura; o Prêmio Bolsa Escola Viva, que consiste na implementação do Projeto Político Pedagógico da entidade numa escola Pública do Município, em fase de conveniamento; e o Projeto Cine no Ponto, que foi contemplado com um cinema do Ministério da Cultura.

Figura 3 - Brincadeiras populares



Fonte: Acervo da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa -ACAPEB

A ACAPEB tem como principal objetivo trabalhar as pedagogias Freiriana e marxista como instrumento de luta em prol do empoderamento de grupos sociais

subalternizados, sob uma perspectiva decolonial. Busca concepções de memórias e de ensinamentos de história que vão à contracorrente, que caminham por outros tempos-espços e outras concepções de poder, de ser, de conhecimento e de natureza. Estes, talvez, nos ofereçam chaves de compreensão e atuação na busca de conquistas sociais outras, na possibilidade efetiva de maior justiça social, política, cognitiva e econômica.

A associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa tinha muitos projetos voltados para educação, cultura, arte, bem-estar social, meio ambiente. Me apropriei da parte da educação participando da biblioteca Herbert de Souza¹, na qual também era bibliotecária voluntária. Passava o dia todo naquele espaço lendo, emprestando livros, com esperança de entrar na faculdade.

Figura 4 - biblioteca itinerante nos espaços da cidade



Fonte: Acervo da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa - ACAPEB

Nos finais de semana e feriados levávamos a biblioteca itinerante para a praça da cidade a fim de incentivar a leitura nas comunidades gongogienses. Na figura 04 temos a presença da TV Santa Cruz de Itabuna, que realizou entrevista sobre os projetos da associação. Foi mais um destaque a culminância do projeto “Colônia de férias”, que realizava oficinas culturais espalhadas pela cidade como: oficinas de teatro, desfile de beleza negra, apresentação do bumba meu boi, grupo de dança “3G dance”, rodas de capoeira, oficinas de maquiagem e

¹ Herbert José de Souza, popularmente conhecido como Betinho, foi um homem de grande atuação em trabalhos sociais no Brasil. Um de seus principais projetos foi a criação do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), de caráter governamental, que tem por fim analisar as realidades sociais, econômicas e políticas do país. Em 1993 fundou a Ação da Cidadania, programa de luta pela vida e contra a miséria, combatendo a fome e o desemprego através da democratização da terra. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/herbert-souza.htm>. Acesso em 02/03/2022.

turbantes, cine clube, rádio comunitária.

Vale ressaltar que não tínhamos parcerias financeiras com qualquer instituição. As ações eram realizadas pelos voluntários mediante doações de materiais por alguns amigos/as. Devido à ação desse grupo de excluídos, sempre sofremos ameaças físicas e verbais por irmos de encontro aos padrões impostos à sociedade brasileira e pela identidade política do grupo enquanto militantes de esquerda.

Em 2006 fui contratada para trabalhar como bibliotecária no Colégio Estadual José Araújo Pereira. A biblioteca da escola estava desativada. Fui arrumar o espaço e catalogar os livros. Após esse processo os educandos foram convidados a visitar a biblioteca, ler um livro e realizar empréstimos para ler em casa com seus familiares. No ano seguinte fui eleita diretora da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa e continuamos os trabalhos que eram realizados por um grupo de aproximadamente 20 pessoas envolvidas com os projetos e responsáveis pelas ações. Participamos de um edital do programa Mais Cultura para seleção de projetos culturais do Território Médio Rio de Contas e fomos aprovados com o projeto Eu Quero Ler, nos tornando Ponto de Cultura² com apoio da Secretaria Estadual de Cultura da Bahia (SECULT-Bahia). Na época, participei de cursos, minicursos, simpósios e conferências estaduais.

Após a associação se tornar Ponto de Cultura, ampliamos os projetos com aulas de balé, flauta, cine clube, aulas de informática e teatro. Minha participação no Ponto de Cultura contribuiu com minha formação pessoal, política e cultural. Ao logo dos anos a ACAPEB sempre esteve envolvida em promover cursos de formação política para as pessoas de Gongogi-BA, pretendendo formar cidadãos com conhecimento para lutar por seus direitos individuais e coletivos.

Cito algumas ações motivadas pelos agentes culturais como incentivo aos trabalhadores rurais para o processo de reforma agrária com Assessoria Jurídica do deputado Dr. Nelson Pelegrino e Dr.^a Ana Maria dos Santos Santos, advogada e professora aposentada do município de Ibirapitanga-BA. A Associação atuou também na formação dos conselhos

² Os Pontos de Cultura da Bahia são o reconhecimento do Ministério da Cultura e da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia para estas frentes essenciais de atuação da sociedade civil. Pontos de Cultura são entidades ou coletivos culturais que compõem uma base social capilarizada e com poder de penetração em variados territórios e comunidades, em especial nos segmentos sociais mais vulneráveis. Eles chegam com força aos grupos tradicionais, à juventude, dos povos indígenas à cultura digital, novos arranjos econômicos e produtivos. Toda uma parcela social cada vez mais fortalecida e integrante de uma nova economia que vem sendo inventada e experimentada por aqueles que encontram no fazer cultural uma alternativa de trabalho, vida e inserção social. Fonte: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=131>. Acesso em 03/03/2022.

municipais, implantação da APLB - Associação dos/as Professores/as Licenciados/as do Brasil/Seção Bahia, formação de grupos para fiscalizar as contas públicas da prefeitura municipal e câmara de vereadores em parceria com a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). Contou com a contribuição do professor e ativista Paulo Roberto Demeter, que promovia encontro de formação para os militantes sociais e que resultou no assentamento Santa Irene e na fundação da Escola Municipal Santa Irene.

A Escola Santa Irene é uma instituição que sofreu influência do Movimento Sem Terra em sua formação. Possui 120 alunos oriundos de 81 famílias atualmente assentadas no município de Gongogi, no Sul baiano, que desde março de 2004 tem demonstrado uma grande responsabilidade social e ética com relação à comunidade em que está inserida. De acordo com Silva (2013),

Um olhar pela história mostra que a cidadania no Brasil ainda está em construção. O caminho para uma sociedade em que os indivíduos possam exercer seus direitos e, ao mesmo tempo, ter consciência de seus deveres é um processo histórico e longo. A educação cumpre um papel de relevância em todo esse processo. É importante o resgate de certos valores tecidos no âmbito das grandes revoluções; ao mesmo tempo, é preciso que se constitua uma luta diária, em esferas locais, tal qual fizeram diversos professores, como demonstrado neste trabalho, pois só assim construiremos uma sociedade em que os cidadãos exerçam com liberdade seus direitos. Silva (2013, p.1).

Na imagem abaixo podemos identificar a presença de atores que através de suas ações, mobilizam e oferecem suas percepções de mundo, ajudando a moldar o ambiente escolar.

Figura 5 – Reunião no Assentamento Santa Irene



Arquivo escolar- Assembleia realizada no espaço escolar (2004)

A imagem diz respeito a uma assembleia que ocorreu para a discussão de melhorias

Figura 7 - Desfile da beleza negra



Fonte: Acervo da ACAPEB/ 2021.

Figura 8 - Exposição de fotografias



Fonte: Acervo da ACAPEB/2021

De forma semi-presencial, em parceria com o Ministério Público da comarca de Ubaitaba-BA, recebemos doações de dez kindles para incentivar a leitura dos jovens do Colégio Estadual José Araújo Pereira. No ano de 2022 acompanhamos esses jovens contemplados pelo projeto de leitura. Diante do exposto, posso afirmar que a minha formação pessoal, política, cultural, intelectual, bem como o processo de afirmação da identidade negra advém da minha participação nos espaços de formação da Associação Cultural e Beneficente

Antônio Pereira Barbosa.

1.3 Tecendo o caminho antirracista da graduação, especialização e mestrado

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado (HOOKS, 2013).

No ano de 2011 iniciei o curso de Pedagogia na Faculdade Integrada do Brasil, no município de Gongogi-BA. Obtive muito aprendizado de estudos teóricos da educação e já houve aproximação da discussão acerca do ensino das relações étnico-raciais naquele espaço. Durante o curso fui analisando algumas obras de literatura infantil afro-brasileira publicadas após a lei 10.639/03 e percebi que aquelas obras traziam nas imagens uma animalização dos personagens negros, traziam solidão e eu queria compreender esse processo. Optei em fazer uma análise das obras com temática afro-brasileira após promulgação da lei 10.639/03, *Obax*, de André Neves de 2010 e *Bruna e a galinha D'angola*, de Gercilga de Almeida, de 2011.

O trabalho de conclusão do curso foi intitulado Literatura Infantil e Afro-Brasileira: os disfarces do racismo e preconceito racial. O principal objetivo do estudo foi analisar a contribuição da literatura infantil afro-brasileira para a educação das relações étnico-raciais, refletindo sobre a importância da literatura infantil afro-brasileira para a construção de identidades das crianças negras.

Diante dessas descobertas, buscamos incluir materiais que valorizassem as crianças negras, as quais são a maioria presentes nas escolas públicas, de modo que se sintam representadas nos temas abordados no chão da escola. As crianças precisam estar inseridas no processo de descolonização através da fala das/os educadoras/es, através do currículo, das leituras, livres de qualquer tipo de práticas racistas e preconceituosas.

No ano de 2011 passei no concurso público para professora do ensino fundamental — anos iniciais, no município de Ubaitaba-BA. Quando iniciei o trabalho na Escola Municipal Acúcio Magalhães percebi a necessidade dos educandos estarem em contato com a leitura, mesmo que de forma imagética. Tive a ideia de criar o “Baú da Leitura” e isso aproximou os educandos do mundo da literatura. Inseri a roda de leitura e oralidade na rotina escolar: sentávamos em círculo no chão da sala de aula, líamos a história e as crianças observavam as imagens e falavam o que entendiam.

Durante o processo alguns educandos começaram a questionar sobre os contos de

fadas, os príncipes e princesas sempre belas e brancas. Foi então que comecei a analisar e selecionar os livros de literatura infanto-juvenil negra para trabalhar na sala de aula e fazer o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Propor uma literatura infanto-juvenil negra com representação de personagens negros como protagonistas foi favorável na construção da autoestima daquelas crianças, além de contribuir no processo de alfabetização e aquisição de leitura crítica. A literatura infanto-juvenil negra é um dos referenciais, com grande relevância no processo de ensino-aprendizagem para uma educação antirracista.

No curso de especialização em Educação Científica e Cidadania do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia (IF-baiano), campus Uruçuca-BA, aprofundi meus estudos nas questões étnico-raciais e continuei pesquisando sobre o tema 'A literatura afro-brasileira no processo de afirmação da identidade negra'. O objetivo dessa segunda experiência de pesquisa foi refletir sobre de que modo a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir no processo de afirmação da identidade da criança negra.

Durante a pesquisa tive em vista inserir no cotidiano dos educandos a literatura infantil afro-brasileira como recurso de incentivo à leitura e como estratégia de colocar as crianças em contato com referências positivas sobre o negro e sua cultura. Os sujeitos da pesquisa tiveram acesso às leituras de literatura infantil negra e fizeram reflexões sobre a temática. Foi possível perceber mudanças significativas no comportamento das crianças. A turma do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais do turno matutino foi o grupo escolhido para a realização desta pesquisa por que percebi a dificuldade daquelas crianças na leitura e escrita.

No desenvolvimento dessa pesquisa, optei por iniciar com a observação participante na sala de aula para me familiarizar com os educandos. Depois organizei e executei uma oficina de contação de história e rodas de conversas. O livro escolhido para a oficina de contação de histórias foi *Betina*, da autora Nilma Lino Gomes, uma das importantes autoras na discussão sobre desigualdade racial no Brasil. Após a oficina de contação de histórias foram realizadas rodas de conversa com alunos escolhidos a partir de suas falas durante a oficina, considerando os que se identificam negros, brancos e "morenos", para análise destas falas, em consonância com alguns estudos já realizados por pesquisadores da temática.

Inseri no cotidiano dos educandos a literatura infanto-juvenil de autoria negra como recurso de incentivo à leitura e como estratégia de aproximar as crianças de referências positivas sobre o negro e sua cultura. Os sujeitos da pesquisa tiveram acesso às obras de literatura infanto-juvenil negra e fizeram reflexões sobre a temática. Foi possível perceber mudanças significativas no comportamento das crianças, com melhora na autoestima,

processos de afirmação identitária, bem como melhora no processo de aprendizagem.

Desse modo, destaca-se a abordagem da literatura infanto-juvenil de autoria negra como recurso pedagógico imprescindível no processo de alfabetização e de valorização da diversidade étnico-racial. O trabalho com essa literatura possibilita às crianças se perceberem no contexto alfabetizador, tomando-se como referência para o processo de construção e afirmação de identidades à medida que assimilam as familiaridades com a narrativa apresentada. É no processo histórico, político, cultural, socioeconômico e dinâmico que a identidade étnico-racial se constrói ou se reafirma. De acordo com Gomes,

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p. 43).

Reconhecer-se numa identidade negra/o é afirmar o seu pertencimento a um grupo historicamente discriminado, vítima de um processo de exclusão que durante muito tempo precisou negar a si mesmo no corpo e na sua subjetividade como estratégia de integração na sociedade colonizada. A construção ou afirmação da identidade negra compreende as diversas vivências sociais, é um processo dinâmico que vai se delineando a partir dos espaços em que cada sujeito está inserido na sociedade, sendo a escola um espaço privilegiado para apresentar referências positivas do negro e de suas culturas.

Na oportunidade também assumi meu cabelo crespo e me senti liberta dos padrões de beleza eurocêtricos. A esse respeito é importante lembrar que Gomes (2003) destaca o papel importante do corpo e do cabelo negro como um marcador étnico:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (GOMES, 2003, p. 174).

Os marcadores étnicos corpo e cabelo são acionados para afirmar pertencimento étnico. Há uma satisfação em serem representados quando já se conseguiu superar o processo de branqueamento. Gomes (2003) evidencia que as representações em torno do cabelo crespo são um dos elementos centrais das análises e intervenções da juventude negra e vêm se tornando cada vez mais tema de reflexão científica. Para a referida pesquisadora, seja para falar de dicas de beleza, seja para politizar a sua relação com o mundo, o corpo negro vem ganhando destaque, sobretudo a partir da segunda década dos anos 2000.

O meu interesse em continuar estudando essa temática no cotidiano escolar, no Mestrado Profissional, deve-se ao desejo de aprofundar meus conhecimentos, visto que o processo de descolonização das nossas mentes é contínuo. Também por perceber a relevância do estudo para a comunidade escolar e para o município de Ubaitaba-BA. Acredito que estudar na Universidade Federal do Sul da Bahia foi um grande diferencial para minha carreira e para meu crescimento pessoal, visto que é na troca de experiências que construímos aprendizados e conhecimentos.

Após aprovação no Mestrado Profissional do PPGER, iniciamos em 2021 os componentes virtualmente devido ao período de distanciamento social por conta da pandemia do covid-19. Cada componente ministrado durante o curso contribuiu de forma significativa com a compreensão crítica sobre a temática das questões étnico-raciais e na construção do meu projeto de pesquisa.

Minha orientadora, a professora doutora Daniela Galdino Nascimento, tem trazido ao longo deste processo excelentes contribuições, reflexões e estudos. Fui inserida no Grupo de Estudos sobre Literaturas e Etnicidade — GRUPELE³ para aprofundar meus conhecimentos sobre autoras e autores negros/as. Cada mês estudamos uma obra e fazemos apresentação e reflexões, o grupo é composto pela professora, graduandos, pós-graduandos e mestrandas que são os orientandos da mesma.

Essa metodologia de ensino tem contribuído de forma extraordinária com a nossa formação enquanto pesquisadoras e pesquisadores negros/as. Algumas autoras/escritoras fundamentam minha pesquisa a partir do grupo de estudo, como: Audre Lorde, bell hooks, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Nilma Lino Gomes, dentre outras.

No primeiro dia de conversa com a professora Dr^a. Daniela Galdino, esta me fez a seguinte pergunta: “a sua pesquisa é sobre literatura infanto-juvenil de autoria negra ou literatura com personagens negros escrita por autoras/es brancas/os?”. No momento não soube responder, fiquei pensativa porque até então eu só pensava na literatura infantil com temática afro-brasileira, mas não tinha me atentado para a autoria. Gentilmente a orientadora concedeu-me um tempo para pensar e disponibilizou materiais para leitura.

Realizei as leituras, participei dos diálogos com o GRUPELE e de seminários e

³ O GRUPELE está formalizado no âmbito da universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição onde a Profa. Dra. Daniela Galdino atua como docente. Ressaltamos que o GRUPELE possui vínculo com o Grupo de Pesquisa LEALL - Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura (UNEB/CNPq).

cursos oferecidos pela orientadora Dr^a Daniela Galdino na UNEB - Universidade do Estado da Bahia. Fui percebendo a diferença entre os livros de literatura infanto-juvenil escrito por autores brancos e por autores negros. Depois desse ciclo de leituras e reflexões optei por pesquisar literatura infanto-juvenil de autoria negra. Me encontrei no processo, pois sou negra e dialogar com autoras negras me fez perceber o quanto é importante viabilizar os nossos lugares de fala.

Em meio às diversas atividades decoloniais que podem ser realizadas em sala de aula, tem-se a importância da representatividade negra nos livros de literatura, cuja intencionalidade deve estar bem delineada desde a escolha até os objetivos dos planos de aulas. Ainda, as habilidades e competências que se deseja alcançar, para não estarem atrelados a uma herança colonial de subalternidade do povo negro, mas que as crianças ao manusearem o livro, ao ouvirem ou lerem as histórias, possam ter sua identidade negra valorizada, assim como as tradições de matrizes africanas.

É importante selecionar obras de autoria negra que tragam no material a valorização da história, da cultura, da religiosidade, através das narrativas e ilustrações de personagens negros e que em suas narrativas apresentem referências positivas sobre as crianças, jovens, personagens negros, como por exemplo, os autores e autoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Joel Rufino dos Santos, Geny Guimarães, Júlio Emilio Braz, Inaldete Pinheiro, Rogério Andrade Barbosa e tantos/as outros/as.

Na escrita infanto-juvenil de autoria negra, geralmente escritores/as dialogam com elementos da tradição oral africana, por exemplo, realizando releitura ou adaptações de mitos, lendas, cantigas e contos para a ressignificação do personagem negro. Este, então, passa a assumir papel de personagem principal, com representação mais diversificada e menos depreciativa, fugindo do que foi elaborado antes. As narrativas apresentam novas características em relação ao personagem negro, como as diferentes faixas etárias, a importância da figura da mãe, da avó, a valorização da beleza negra com traços do estilo africano (penteados, trajes, acessórios e simpatia).

Novos textos literários e autores preocupados em eliminar a intolerância racial no universo literário surgiram, por exemplo, a obra infanto-juvenil *Rainha Quiximbim*, escrita por Joel Rufino, que conta a lenda de uma sereia negra. Outro livro é *A cor da ternura*, de Geni Guimarães. Esse narra a história de uma garota negra que sofre discriminação no ambiente escolar, causada pelas brincadeiras de mau-gosto que os colegas fazem com ela devido à sua cor e pela professora que ensina uma versão distorcida da escravidão, levando a protagonista a pensar até em mudar de cor. Outra história é a publicada por Heloísa Pires

Lima, *Histórias da Preta* (1998), narra a história de Preta, personagem principal, que conta a real história sobre a vinda do povo africano para Brasil, essa não retratada nos livros didáticos, vários assuntos são abordados nesta obra: discriminação na escola, cultura africana, etnia. Nesse sentido, Oliveira (2014, p. 139) afirma que:

Ressignificar a história e cultura africana e afro-brasileira implica atribuir sentidos outros, distintos das representações meramente estigmatizadas aos negros situados no diverso continente africano e na diáspora. Em outras palavras, os negros que permaneceram e/ou retornaram ao continente africano e os que reconstruíram a vida em diversos países, a diáspora. Em se tratando desta, tende-se a silenciar, quando não desqualificar fatos históricos, as lideranças e as religiosidades para fazer sobressair a cultura proveniente das civilizações ocidentais.

O ato de ressignificar as culturas africanas no Brasil não consiste em silenciar os saberes dos povos que foram forçados a deixar seu continente para viver em um país escravocrata, dado que estes trouxeram para o Brasil muita riqueza cultural. Os africanos foram os principais atores culturais que influenciaram profundamente o jeito de viver e de sentir das populações que passaram a interagir no novo mundo africanizado.

As contribuições das culturas africanas para a construção da identidade negra no Brasil se destacam na música, especialmente com o samba, sendo o ritmo conhecido mundialmente, além de muitos instrumentos musicais como: berimbau, tambor, atabaque; na culinária, com deliciosos pratos como acarajé, mungunzá, vatapá dentre outros; na religião, com o candomblé e a umbanda; nas artes marciais, com a capoeira que é uma mistura de dança com luta, como estratégia de defesa e resistência; com as línguas que enriqueceram nosso vocabulário brasileiro. Todo esse legado é herança dos povos africanos.

Durante o curso de Mestrado em Ensino e Educação Étnico-racial na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), pensei na possibilidade de apresentar a literatura infanto-juvenil de autoria negra para as crianças, pais e educadores. O objetivo foi de incentivar a leitura e valorizar a cultura com narrativas descolonizadoras em uma nova construção identitária, dado que o ato de ouvir histórias transforma o imaginário, traz memórias.

Contar história me é muito prazeroso, desse modo tive a ideia de criar um canal no YouTube com o nome: “A hora de contar um conto e ganhar um ponto”. Uma vez por semana me dedico a selecionar um livro de literatura infanto-juvenil de autoria negra para fazer a contação de história e postar o vídeo. Esta ação foi bastante gratificante, pois ouço depoimentos de pais sobre o quanto as histórias são diferentes e encantadoras. Outros pedem orientação de onde comprar esses livros de literatura infanto-juvenil negra, já tendo sido

convidada a ministrar oficinas de contação de histórias para as catequistas da Igreja Católica em Santo Antônio de Jesus-Bahia.

Durante esse período percebo que os adultos, as crianças e os idosos sentem o mesmo encantamento que senti ao ouvir tia “Leninha” contar histórias infantis pelas ondas do rádio, na minha infância. Os pequenos leitores em formação inseridos nessa etapa de desenvolvimento estão construindo sua identidade, assim, se apropriam de valores e desenvolvem sua autoestima. Diante de todas as diversidades e especificidades de nossa sociedade, o livro se torna um canal de múltiplas possibilidades. As histórias contadas precisam contemplar a todas as crianças atendidas no contexto social. Esses pequenos leitores que estão se construindo enquanto sujeitos produtores de conhecimento precisam se sentir representados positivamente nas páginas e narrativas, contribuindo assim para a formação de sua identidade negra.

A abordagem de livros literários que tenham em seu enredo a história e as ilustrações que valorizam a construção da autoimagem e da cultura negra, assim como a diversidade cultural, possuem impactos significativos para a formação deste sujeito diante de sua vida em sociedade. A promulgação da Lei 10.639/03 motivou uma série de ações afirmativas que devem ser implantadas na escola para a construção de uma educação antirracista.

2. LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

“Todos nós somos responsáveis pelas nossas histórias e pela continuação das nossas tradições” (ROSA, 2009, p. 21).

A construção ou afirmação das identidades negras compreende as diversas vivências sociais e é um processo dinâmico que vai se delineando a partir dos espaços que cada sujeito ocupa na sociedade, além de depender das referências principalmente do passado, ou seja, da identidade coletiva e da história. Andrade afirma que:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarçam os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (2011, p.115)

Essa afirmativa permite refletir a posição de recusa ao pertencimento étnico-racial das crianças, elas não encontravam sentido em afirmar-se negras porque sempre ouviram e viram nos meios de comunicação, nos livros didáticos e paradidáticos, nas piadas e nos discursos cotidianos, referências negativas. Na atualidade percebemos que essa desconstrução de estereótipos vem ganhando força na sociedade brasileira mediante ações afirmativas que valorizam e respeitam a identidade negra.

Para Gomes (2003, p. 172), “a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco, mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo, as diferenças são imprescindíveis na construção da nossa identidade”. Essa afirmação da pesquisadora Nilma Lino Gomes nos faz refletir sobre a importância de materiais didáticos e paradidáticos que abordam a cultura negra positivamente e podem contribuir na afirmação de identidade negra.

As temáticas, principalmente no âmbito educacional, têm sido alvo de estudos, pesquisas e tensos debates com o propósito de construir alternativas para a superação do preconceito, da discriminação racial e das desigualdades sociais. Se faz urgente superar o mito da democracia racial que contribuiu decisivamente para a manutenção do preconceito e da discriminação. É preciso que os educadores/as tenham formação específica para dialogar na sala de aula com os educandos sobre a valorização da identidade e cultura negra que enriqueceram a formação da sociedade brasileira.

Nesse sentido, afirmo que cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica, com as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos. (SILVA, 2001, p. 15).

A formação continuada de educadores/as para trabalhar a literatura infanto-juvenil de autoria negra serve para que as educadoras/as selecionem melhor os materiais e conteúdos a serem trabalhados na sala de aula. Assim, essas ferramentas pedagógicas poderão contribuir na construção de identidades negras positivas, fundamental a uma educação antirracista.

Na tese de doutorado da professora Daniela Galdino Nascimento (2019) percebemos a evolução de ações afirmativas como as políticas de cotas para os ingressos de estudantes negros/as nas universidades; programas de formação docente; criação e difusão da literatura infanto-juvenil de autoria negra nas escolas. A política de ações afirmativas pretende promover igualdade de acesso às oportunidades a pessoas que sofrem discriminação étnica, racial, de gênero e religiosa.

As ações afirmativas desempenham um papel importante no combate a desigualdade social e a segregação. A partir do ano 2000 foram desenvolvidas ações afirmativas para a população negra, com a qual o Brasil tem uma dívida histórica pelos quatro séculos de escravidão. A Constituição Federal de 1988, no Art. 5º, assegura que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Com base nesse artigo foram criadas outras leis para a população negra, dentre elas, o Estatuto da igualdade racial, a lei de cotas no ensino superior, a lei 10.639/03 e outras.

2.1 Inclusão de Literatura infanto-juvenil de autoria negra após a lei 10.639/03

Houve avanços após a criação da lei 10.639/03 e devemos lutar por uma educação antirracista nos espaços escolares a partir das séries iniciais para possibilitar às crianças acesso à literatura infanto-juvenil de autoria negra como um recurso de afirmação e valorização de identidade.

A organização do currículo escolar deve procurar viabilizar uma maior interdisciplinaridade, contextualização e transdisciplinaridade, assegurando a comunicação

entre todas as áreas do conhecimento. Todo profissional de educação precisa conhecer a Base Nacional Comum Curricular — BNCC. Trata-se de um documento assinado em 2017 cujo objetivo é colaborar de forma contínua para formação integral dos educandos, além de contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. A BNCC estabelece algumas competências que contemplam o ensino das relações étnico raciais e assegura o direito de aprendizagens dos educandos na escola. Como vemos a seguir:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. 4 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2018, p. 9; 10)

Percebemos ser urgente trabalhar por uma educação antirracista na sala de aula, mesmo na educação infantil. Durante a realização desta pesquisa tenho observado o quanto a minha filha de seis anos sofre por ter os cabelos crespos. Os coleguinhas na escola dizem que o cabelo dela é feio e as trancinhas são feias. Toda vez que vou pentear o cabelo dela, sinto-a muito angustiada, com medo de ser rejeitada, e estas questões me incomodam por saber que existem práticas racistas em 2022 na escola e em outros espaços sociais. Para as meninas o cabelo é uma parte do corpo muito visível e significativa, é um aspecto estético muito relevante para a sua autoestima.

No entanto, para as meninas negras o cabelo se torna um problema sério quando as definições de identidade e ancestralidade não estão bem consolidadas. O cabelo crespo não consta das definições de beleza estabelecidas socialmente, é tido como ruim e feio, se tornando alvo de ofensas, rejeição e preconceito. “A rejeição do cabelo, muitas vezes, leva a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias” (GOMES, 2008, p. 189).

Busco conversar com a minha filha Sofia, diariamente, e mostrar a beleza que tem com cachinhos, tranças e outros penteados, ela precisa de orientação para desconstruir estereótipos, falando para os coleguinhas que ninguém é igual, todos são diferentes. A cor da pele é outro assunto que abordamos no dia a dia, certa vez ela chegou em casa dizendo

que ia pintar o desenho da “cor de pele”. Perguntei: “Qual cor de pele?” Sofia me mostrou um lápis bege e outro rosa. Argumentei: “e sua pele é dessa cor?” Ela me disse que não, ao que repliquei que então aquele lápis não poderia ser cor de pele porque aqui no Brasil há uma diversidade de cores. Em seguida li a narrativa “Que cor é minha cor?” da escritora Martha Rodrigues, e a partir desse dia a menina Sofia não teve mais problema em pintar desenhos de pessoas com cores preto, marrom, amarelo.

Incentivo a leitura de obras infanto-juvenis de autoria negra mostrando a positividade da identidade negra das crianças ilustradas nos livros, para que ela se veja representada nos personagens. É de suma importância que a criança aprenda em casa sobre o respeito a diversidade.

O trabalho com o livro de literatura infanto-juvenil de autoria negra, se feito de maneira adequada quando as crianças iniciam a sua trajetória escolar, pode despertar o gosto pela leitura. Pode, ainda, contribuir consideravelmente para a etapa posterior, quando o educando aprenderá a ler e a escrever, pelo fato deste já ter participado de situações escolares de leitura. Mas para que isso ocorra, essas experiências precisam ser bem-sucedidas, de modo a aguçar a vontade de ler mais e conhecer outras histórias.

As crianças podem ser protagonistas de atividades atuando em teatrinho de fantoches; narrando oralmente suas experiências; ouvindo e contando causos, contos, lendas e histórias. Várias atividades podem ser desenvolvidas em sala de aula com livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra. Esse papel transformador da literatura negra pode ser notado, inicialmente, pela inclusão de personagens negros/as como protagonistas, o que antes não acontecia. Atualmente dispomos de materiais paradidáticos que abordam a temática negra positivamente e os personagens negros e negras como protagonistas.

A literatura infanto-juvenil de autoria negra, de uma forma geral, auxilia na compreensão do mundo e das relações humanas através da exposição dos contextos sociais existentes. Ou seja, por meio do texto literário, o indivíduo pode ter contato com a realidade que o cerca e assim, ser capaz de elaborar e reelaborar melhor suas questões a respeito de si, do outro, do mundo e da vida. Para a doutora em educação Eliane Cavalleiro, “compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida” (CAVALLEIRO, 2006, p.26).

Portanto, é de suma importância que os livros infantis com temática negra prezem por uma qualidade estética, imagética e narrativa. Caso contrário, poderá auxiliar na manutenção dos estereótipos e perpetuar o racismo na sociedade brasileira. De acordo com Munanga (2005), alguns educadores não sabem atuar em situações de discriminação e

racismo nas escolas porque não foram preparados ou porque estão dominados pelos preconceitos que neles foram introjetados ao longo de sua vida. É preciso apresentar aos educandos a diversidade existente em nossa sociedade e ajudar àquele que, por algum motivo, ainda é discriminado, a se colocar e assumir com dignidade e orgulho os atributos de sua diferença.

Nos livros de literatura infantil analisados pela professora doutora Daniela Galdino Nascimento (2019), todos trazendo personagens negras/os como protagonistas, encontramos vários aspectos positivos, considerando as perspectivas e os objetivos traçados pelas políticas afirmativas, ou seja, combater o racismo e promover identidade negra através das obras literárias infanto-juvenis.

Tais narrativas apresentam às leitoras/es personagens infantis que, inicialmente, enfrentam dilemas relacionados ao processo de autopercepção, seja por se inserirem em contextos marcados por determinismo de gênero ou padrões estéticos que reforçam o desejo de branqueamento (NASCIMENTO, 2019 p. 27)

A pesquisadora ressalta que: “Ao analisá-las enfatizo a construção da autoimagem de protagonistas negros/as e contexturas identitárias, destacando a reversão de estereótipos e as estratégias discursivas para aproximar e fortalecer vínculos entre leitoras/es e personagens”. (NASCIMENTO, 2019 p. 27). Nesse sentido, é importante destacar a preocupação da pesquisadora em combater estereótipos de inferiorização e objetificação dos corpos negros na literatura infanto-juvenil, seja através das ilustrações ou da escrita.

Percebemos a necessidade de analisar e selecionar os livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra (NASCIMENTO, 2019, p. 27). Além da preocupação com o texto, é importante também uma reflexão sobre as imagens, que são componentes essenciais no todo narrativo. A ilustração também é uma forma de linguagem resultante de escolhas feitas pelo ilustrador, como cores, formas, características das personagens, fazendo aumentar o grau de expressividade do livro.

As imagens, assim como as palavras, podem carregar conotações, que no contexto afro-brasileiro ou africano irão fazer toda a diferença, tendo em vista a trajetória desses povos. Por isso devemos estar atentos/as aos critérios de análise de cada obra que irá ser trabalhada com os educandos. Em diálogo com a tese de doutorado de Daniela Galdino do Nascimento (2019), entendemos a literatura infanto-juvenil de autoria negra, que além de seu caráter estético, prazeroso, criativo e intelectual, têm como marca primordial seu caráter militante, de engajamento político-social, que traz reflexões sobre identidade, respeito,

autoestima e ancestralidade.

Podemos afirmar que a literatura infanto-juvenil de autoria negra é sim uma literatura reflexiva que empodera os leitores a se sentirem pertencente da história narrada pelos autores/ as negras que através de suas escritas e ilustrações demonstram o valor da nossa herança africana.

Quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. O abismo social entre negros e brancos no Brasil existe de fato (GOMES, 2012, p.47).

A escola é um dos espaços para a construção e posituação da identidade negra brasileira, é necessário que os educadores/as tenham consciência de que a questão negra está presente na escola de diversas maneiras, não se negando a utilizar esse espaço para derrubar conceitos e ideologias racistas e discriminatórias. O racismo existe e precisa ser erradicado, está presente em todos os âmbitos da sociedade, principalmente na escola, seja ele declarado ou velado. É dever dos educadores/as que atuam em sala de aula, desenvolver projetos para problematizar essa questão racial, buscando textos e escritores negros que trabalhem essa temática e expor o crime que é o racismo e a discriminação.

Portanto, é necessário levar para sala de aula a literatura de autoria negra, ela desconstrói preconceitos que por muito tempo dominaram a sociedade e resgata a autoestima das crianças negras. Principalmente para as crianças, adolescentes e jovens que estão em construção ou afirmação, para que assim eles possam ter orgulho de sua identidade negra e se posicionar contra o racismo nos diferentes espaços sociais e culturais. A literatura infanto-juvenil de autoria negra tem um impacto positivo no resgate e na construção da identidade dos negros/as no Brasil, pois eles se enxergam como protagonistas de sua própria história.

2.2 Literatura infanto-juvenil de autoria negra: um olhar antirracista

Quem não tem amigo, mas tem um livro, tem uma estrada.
(JESUS, 1960)

No início desta seção trago Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, pois percebo nas suas escritas a realidade de muitas mulheres negras, assim como eu, que já passaram por situações de fome e que encontraram nos livros uma estrada para a liberdade e dignidade. O trabalho com literatura infanto-juvenil de autores/as

negros/as na sala de aula é uma das formas de interferir no currículo.

Silva (1995) discute o currículo do ponto de vista da teoria crítica, refletindo as íntimas e estreitas relações entre conhecimento, poder e identidade social, e, portanto, as diversas formas pelas quais ele interfere na produção social do conhecimento. Para Silva (1995), o currículo tem de ser visto em suas ações e em seus efeitos. Fazemos o currículo e o currículo nos faz.

Nesse sentido, o referido pesquisador acrescenta:

O texto curricular, entendido aqui de forma ampla – o livro didático, e paradidático, as lições orais, as orientações curriculares nacionais oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas – está recheado de narrativas nacionais, étnica e raciais. Em geral, essas narrativas celebram os mitos da origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas e folclóricas. (SILVA, 2002, p.103)

A partir dessa afirmação compreende-se que o conhecimento compartilhado na escola, nas mais variadas formas, é ideológico e está sempre a favor de um determinado grupo ou classe social. No que se refere ao grupo negro, pesquisas escolares no âmbito das relações étnico-raciais comprovam que o currículo se constitui em um forte instrumento de manutenção e propagação de racismo, preconceito e discriminação racial (Silva, 2002). É preciso uma proposta curricular capaz de desconstruir o caráter monocultural do currículo, questionando as narrativas hegemônicas de identidade.

Corroborando com Silva (2002), acreditamos que o currículo crítico possibilitaria colocar o racismo no centro das estratégias pedagógicas a partir de uma preocupação política com as formas pelas quais a identidade é construída através da representação. É nessa perspectiva que o trabalho com literatura infanto-juvenil de autoria negra é uma das possibilidades de descolonizar o currículo na tentativa de minimizar os efeitos desastrosos causados pelo racismo que ainda persiste na sociedade brasileira. A literatura infanto-juvenil de autoria negra leva ao questionamento do que está estabelecido nas relações sociais. Nesse sentido, Oliveira afirma que,

Ressignificar a história e cultura africana e afro-brasileira implica atribuir sentidos outros, distintos das representações meramente estigmatizadas aos negros situados no diverso continente africano e na diáspora. Em outras palavras, os negros que permaneceram e/ou retornaram ao continente os que reconstruíram a vida em diversos países, a diáspora. Em se tratando desta, tende-se a silenciar, quando não desqualificar fatos históricos, as lideranças e as religiosidades para fazer sobressair a cultura proveniente das civilizações ocidentais. (2014, p. 139)

A literatura infanto-juvenil de autoria negra é um dos referenciais com grande relevância no processo de ensino e aprendizagem para uma educação antirracista. É também um recurso que estimula a repensar e questionar os contos de fadas clássicos que durante muito tempo se estabeleceram como padrão de literatura infantil eurocêntrica. A literatura infanto-juvenil de autoria negra traz para o cotidiano das escolas outras humanidades, a partir da valorização da cultura e da beleza negra.

Em sua tese de doutorado da professora pesquisadora Daniela Galdino Nascimento (2019, p. 98) consta a análise de duas obras literárias de autorias de mulheres negras: *O Menino Nito* (ROSA, 2002) e *Betina* (GOMES, 2008). A pesquisadora chama de “consideráveis narrativas de LijAfro⁴ que tem nos colocado em contato com protagonistas negras/os vêm lançando desafios aos processos de percepção visual e interpretação literária, justamente por recorrer aos recursos do que se domina visualidade contra-hegemônicas” (NASCIMENTO, 2019, p. 99). A pesquisadora ainda evidencia que,

É importante, portanto, ao pensarmos a LijAfro como Terceiro Espaço, voltarmos a nossa atenção para o acervo de narrativas infanto-juvenis que além de inserir personagens negras/os nas suas tramas textuais, nomeiam-nas/os e as/os localizam em ambientações que se desviam das estimas. Nomeia nesse contexto, é uma poderosa estratégia dissidente, afinal, fazê-lo muitas/os das/os nossas/os ficcionistas se posicionarem na contra discursividade da invisibilização e estereotipagem literária de personagens negras/os nas narrativas, é preciso revelar um redirecionamento discursivo capaz de contestar as representações hegemônicas. (NASCIMENTO, 2019, p. 99)

A partir da afirmação de Nascimento (2019), compreendemos que a literatura infanto-juvenil de autoria negra traz um novo olhar para a educação em perspectiva antirracista enquanto em que mostram as possibilidades de ocupação de um lugar social negado aos personagens negros e negras durante décadas. Proporcionar às crianças da educação infantil e do ensino fundamental anos iniciais o acesso a uma literatura que problematize o racismo, enfatize possibilidades de ser o que desejar e que mostre as inúmeras formas de estar no mundo é uma das maneiras de construir outras mentalidades.

As referências positivas na literatura infanto-juvenil de autoria negra são de fundamental importância para os pequenos leitores poderem se ver representados nas

⁴ LijAfro: Literatura Infanto-juvenil Afro-Brasileira, considerando a literatura como produção sociocultural, entendendo a LijAfro como textualidades específicas identificadas no acervo que se relaciona com a lei 10. 639/03 (NASCIMENTO, P.86, 2019)

ilustrações e narrativas, é uma das formas de valorização da identidade das crianças a partir da representatividade. A literatura infanto-juvenil de autoria negra traz uma representatividade positiva, pois as autoras/es escrevem a partir de suas vivências e com isso tem o objetivo de mostrar a diversidade da população negra. Como apontam Nascimento e Souza (2021, p. 246):

Justamente por isso é que se torna imprescindível lançarmos um olhar atento sobre o que denominamos como resistência autoral para interrogarmos, nesse longo processo de implementação do EHCAB, a visibilidade de autoras/es negras/os. Discorrer sobre a LijAfro implica necessariamente em escutar o que essas vozes literárias têm a nos dizer num momento histórico marcado pela intensificação das lutas pela garantia dos direitos das populações negras no Brasil. Muito embora reconheçamos a atual publicação de obras literárias infanto-juvenis com temas africanos e afrobrasileiros, é preciso dizer que as contestações que nos interessam ultrapassam o fator temático e comportam elementos discursivos que, em profunda articulação, mobilizam forças renovadoras do campo literário, visto que ainda se resente a baixa inserção de escritoras/es negras/os nos amplos circuitos de difusão da literatura infanto-juvenil.

Nesse sentido, é nas escolas que a leitura de livros de temáticas negras e africanas produzidas por autores negros se constitui como um passo importante na promoção de uma educação antirracista. Se os educandos têm acesso a obras escritas por autores negros, a exemplo de Conceição Evaristo, Kiusam de Oliveira, Daniela Galdino Nascimento, bell hooks, Nilma Lino Gomes, Maria Anória Florentina da Silva Souza. Estamos, assim, subvertendo a ordem e o cânone e avançando em relação a narrativas únicas sobre os negros no Brasil e no mundo, reconhecendo, portanto, a intelectualidade negra.

Reconhecer outras narrativas além das impostas pela mídia e pelo cânone, além do uníssono da escravidão presente nos livros de história, se configura desse modo como muito importante, dado que o racismo estrutural no Brasil acaba por silenciar e apagar o corpo negro e suas feições. Falar com as crianças negras sobre racismo também lhes proporciona ferramentas para o enfrentamento de algo sutil e danoso a sua psiquê, à sua autoimagem e aos seus sonhos.

A professora Eliane Debus (2018), da UFSC, em sua pesquisa sobre temática africana e afro-brasileira na literatura infantil, organiza essa produção literária em três categorias: “literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; literatura afro-brasileira escrita por escritores negros e escritoras negras; e literaturas africanas, escrita pelos autores do continente africano que cada vez mais têm sido traduzidos, como Ondjaki, Chimanda Ngozi Adichie e Noémia de Sousa”.

Assim, a autora Debus(2018) nos proporciona diferentes formas de selecionar a literatura a ser trabalhada. É importante trabalhar com os pequenos a educação antirracista, onde se discuta abertamente sobre os grupos historicamente excluídos, onde exista a valorização de diferentes etnias e culturas, além do diálogo sobre racismo estrutural os privilégios da branquitude. Essa prática pode se tornar uma poderosa ferramenta contra qualquer tipo de preconceito ou opressão e trazer a sensação de pertencimento aos educandos do ensino fundamental nos anos iniciais.

2.3 Autoras negras na Literatura Infanto-Juvenil: novas perspectivas para uma educação antirracista.

Para hooks (1995, p. 468), é o conceito ocidental sexista e racista de intelectual que impossibilita lermos as mulheres negras como representativas de uma vocação intelectual. Assim, discutindo a respeito da definição de intelectual, hooks (1995) assinala a imbricação da intelectualidade com a ação da transgressão discursiva. Nesse sentido, a escrita de mulheres negras tem o poder de romper as barreiras sociais, acadêmicas, impostas pela sociedade racista. A mulher negra vem mostrando seu poder de fala, sua intelectualidade através de suas produções literárias.

Segundo Lélia Gonzalez (1984), intelectual negra brasileira, há um imaginário social que associa mulheres negras à “mulata”, doméstica ou mãe preta. Suas discussões são atravessadas por questionamentos a respeito da naturalização do racismo, ditadas por meio de construções culturais estereotipadas de indolência, malandragem e da incapacidade intelectual da/o negra/o. Logo, estereótipos sexistas e racistas imprimem na consciência coletiva aspectos de sujeição e objetificação sexual, representações que marcam a vida de mulheres negras desde a infância. Como afirmou hooks (1995), a atuação interativa do sexismo e do racismo perpetuam uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste mundo principalmente para servir aos outros.

É necessário dar visibilidade à escrita das mulheres negras, evidenciar suas contribuições nas discussões de questões como identidade, gênero, raça, literatura, entre outras. A literatura enquanto uma das expressões da linguagem humana (assim como a língua) está nesta posição filosófica de re-existência por diferentes práticas de letramento (KILOMBA, 2019; SOUZA, 2011). As histórias construindo e influenciando na formação

identitária de seus leitores sob afirmações e/ou negações de vocabulários, semânticas da história das populações africanas e negra na diáspora até a formação de modos de resistência e re-existência.

Segundo Hall (2006), essas identidades são múltiplas (étnica, racial, linguística, religiosa, nacional, de gênero, de classe, entre outras) e podem ser alteradas no tempo e no espaço, gradualmente e por intermédio de processos inconscientes. Ainda nesse sentido, para a formação identitária, faz-se essencial a relação estabelecida entre sujeito e sociedade, por envolver a autoidentificação e a identificação feita pelos outros.

Refletir sobre a representatividade das crianças negras é pensar a multiplicidade que envolve crianças da periferia, sem hierarquia de representatividade pelo lugar por elas ocupado. Precisamos mostrar-lhes a cultura produzida nas comunidades negras e autoras de intensa produção intelectual antirracista e antissexista. Autoras como Nilma Lino Gomes, bell hooks e Sônia Rosa, Grada Kilomba, dentre outras mulheres que me inspiraram a ver a escrita feminina como forma de transgressão e a ter um olhar diferenciado para com suas escritas, pois as mulheres intelectuais negras que cito na pesquisa são referência para a minha formação. Sou mulher negra. Busco através da escrita e das práticas pedagógicas contribuir para uma sociedade livre dos estereótipos, racismo e preconceito.

Embora me questionasse sobre discriminações durante minha infância e adolescência, apenas me atentei para esse sistema opressor quando terminei o curso de Magistério no ano de 2002 e participei de Movimentos sociais e em seguida cursar Pedagogia por meio de ações afirmativas do Governo Federal, pelo programa Paulo Freire.

Quando assumi positivamente minha identidade negra, procurei por referências femininas que pudessem me reafirmar nesse lugar. Atesto que as mulheres negras não inclusas nos discursos hegemônicos contribuem para a produção de conhecimento, para a formação de pessoas, com algo a dizer afetuosamente sobre nós, quando falam a partir de suas histórias.

Eram essas histórias que eu ansiava ouvir e buscava reconhecer nelas as mulheres próximas a mim. Em minha prática como alfabetizadora, posso atuar na desconstrução das narrativas hegemônicas e trazer para as crianças o contato com a literatura negra feminina desde a infância. Assim, penso a escola como espaço onde todas e todos experimentam a diversidade e o convívio com a diferença e onde possam assumir suas identidades positivamente.

Aqui destaco a trajetórias das três autoras negras cujas obras iremos analisar no

próximo capítulo. A primeira é bell hooks, com a obra *Meu crespo é de rainha*. Para ela, a educação deve formar indivíduos preocupados com uma convivência social igualitária e respeitosa. Sob o mesmo ponto de vista, a intelectual considera os vínculos entre estudantes e educadores como o primeiro passo para uma educação antirracista e libertadora.

Com uma longa trajetória acadêmica, bell escreveu e publicou mais de 30 livros em que apresenta sua visão de mundo empática e de resistência. Os temas que defendia em sua obra são a luta contra o racismo, a importância do amor, o combate à desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista. Importante destacar ainda sua identificação com o pensamento do intelectual brasileiro Paulo Freire, expresso sobretudo em sua obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*.

bell hooks, uma intelectual negra nascida em Hopkinsville, ao sul dos EUA, batizada com o nome Gloria Jean Watkins, optou por se autodenominar bell hooks — que se escreve assim, com letras minúsculas, devido à maneira que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos e legado, e não de sua figura, evitando assim um personalismo e valorizando a coletividade.

Foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Autora de grandes obras, destaco aqui a literatura infantil *Meu crespo é de rainha* (1999) que a autora escreveu após testemunhar um ato de racismo numa escola primária do Brooklyn, nos Estados Unidos, quando uma professora leu para as crianças uma história sobre cabelos “ruins”. Preocupada com o que chama de “política de representação que sistematicamente desvaloriza a negritude”, bell resolveu escrever um livro para contar o óbvio: cabelos crespos também são cheirosos e macios.

A obra de caráter político, sem ser panfletário e com uma linguagem simples e afetuosa no texto e nas imagens, aproxima das crianças negras e não negras uma reflexão fundamental: a busca pela identidade num mundo em que a diversidade é tão pouco valorizada. Com ilustrações de Chris Raschka e tradução da poeta Nina Rizzi, o livro é apresentado na forma de um poema rimado que são uma ode à liberdade.

A segunda obra analisada em minha pesquisa é de Sônia Rosa: *Capoeira* (2013). A autora nasceu no Rio de Janeiro, onde vive atualmente. É mestre em Relações Étnicas Raciais, pedagoga e professora. Adora conviver com crianças, tem mais de 40 livros publicados, escreve literatura negra afetiva há mais de 20 anos. Em suas histórias, os personagens negros estão sempre em protagonismo, algo que a autora considera muito importante.

Capoeira é um livro da coleção Lembranças Africanas que traz todo o encanto da

capoeira, luta gingada que surgiu no Brasil, a partir dos negros bantos de Angola, que vieram para o Brasil na condição de escravizados, uma forma de defesa nas lutas contra a escravidão. Os escravizados das fazendas iam para as capoeiras (capinzais) dançar e lutar. Por isso a luta ficou com esse nome. Com belíssimas ilustrações de Rosinha Campos, ele inicia a coleção recomendada pela FNLIJ- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A terceira autora é Martha Rodrigues (2006) com a obra *Que cor é minha cor?*. A autora sempre foi apaixonada pela leitura. As histórias que contava inicialmente para os filhos e depois para os netos se transformaram em livros que encantam crianças de diferentes idades. Martha Rodrigues Souza de Brito Costa nasceu no interior da Bahia na cidade de Aiquara e é professora formada em Letras pela UCSAL- Universidade Católica de Salvador e Especialista em Políticas Públicas pela UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas. No âmbito político, é vereadora pelo terceiro mandato na câmara de vereadores em Salvador, tendo sido reconhecida como a única parlamentar no Prêmio Mulher notável de Salvador.

Na obra *Que cor é minha cor?* a autora destaca o objetivo de trabalhar a identidade afrodescendente na imaginação infantil. E é justamente à imaginação que esse livro fala a partir de uma composição de textos curtos e poéticos associados a ilustrações. A ludicidade reforça a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor, trazendo como protagonista uma menina negra encantadora que vai nos mostrando como o Brasil é diversificado e todos nós temos todas as cores. Ilustrado por Rubem Filho, as ilustrações evocam leveza com um colorido bastante rico para a leitura de imagens. Os personagens, por sua vez, se apresentam harmoniosamente e em contado com a natureza e os animais.

A produção de mulheres negras é construída a partir da representatividade e da denúncia e é justamente por isso, pelo fato de quando uma mulher negra escreve traz em seus textos uma gama de representações e interpretações pertinentes. Há muito tempo a sociedade tenta esconder e faz o cânone literário brasileiro em inúmeras vezes silenciar, negando a sua existência, não permitindo as publicações de seus livros ou de seus textos. Souza (2017) descreve muito bem a situação da mulher negra, quando se propõe a escrever. Segundo essa pesquisadora,

O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. (SOUZA, 2017. p. 28).

Agimos contra tal posição de subalternidade que o cânone literário brasileiro impõe à mulher negra, que faz com que grande parte dos educandos da educação básica, ou até mesmo a maioria da população brasileira, não reconheça a autoria de mulheres negras e as contribuições destas mulheres para a nossa literatura infanto-juvenil.

O que nos motiva, em meio a tanta falta de reconhecimento por parte do meio acadêmico, é a ideia de que estamos “transgredindo” no melhor sentido da palavra, quebrando tabus, regras absurdas e os valores ultrapassados delimitados pelo cânone literário brasileiro. Percebemos que a escrita de mulheres negras consegue trazer em suas narrativas leveza, encantamento, denúncia, rompimento das barreiras do racismo e preconceitos. A literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras é um instrumento de poder e é no espaço escolar que começamos e revolucionar, provocar, para que as crianças possam ser cidadãos críticos e autores de suas próprias histórias de vida.

Os educadores/as devem transgredir, através de suas escritas e práticas pedagógicas, para que o fazer pedagógico seja um ato político, de luta e resistência contra qualquer forma de opressão, racismo e preconceito, principalmente pelas características físicas, pela cor de pele, cabelo, religião e cultura.

A produção de mulheres negras, inserida neste contexto, pode ser lida como uma estratégia de resistir ao epistemicídio; a quebra de fronteiras rígidas, as pequenas insurgências nas práticas cotidianas e artísticas, os movimentos sociais de rememoração de histórias impuseram às culturas dos países colonizados um colorido diversificado, um tom diferente; tom e cores que, na maioria dos casos, foram descritos como intervenções da cultura popular, à qual foi atribuído um significado hierarquizante e redutor (SOUZA, 2017. p. 25).

Assim, a escrita de mulheres negras na literatura infanto-juvenil é um ato de resistência, de luta e não aceitação do silenciamento, imposto pela cultura eurocêntrica. Trazendo então uma literatura que valorize as crianças negras, pois a criança se vê representada como protagonista e quebra aquela ideia de princesa e príncipe com heróis da Disney “sempre brancos”. Com esse tipo de literatura de autoria de mulheres negras apresentamos novas perspectivas de que a menina negra pode ser o que ela quiser. É no espaço escolar que precisamos da visibilidade a escrita de mulheres negras como grandes intelectuais que trazem em suas narrativas, suas histórias, memórias e vivências.

3 ANÁLISE DE OBRAS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS

“A educação libertária quando todos tomam a posse do conhecimento como se fosse este uma plantação em que todos temos de trabalhar” (HOOKS, 2017, p.26)

Este capítulo apresenta as obras infanto-juvenis de autoria de mulheres negras e como podemos usar esses livros na sala de aula para trabalhar na perspectiva de uma educação antirracista. No início do Mestrado, durante os primeiros encontros com a orientadora Dr^a Daniela Galdino, a referida docente me fez a seguinte pergunta: “você quer pesquisar sobre literatura infantil com a temática negra ou de autoria negra?” Confesso que fiquei confusa e disse que não sabia responder no momento, a professora me deu um tempo para refletir e disponibilizou materiais que abordam a importância da literatura infanto-juvenil de autoria negra e também a sua tese de doutorado intitulada: “O Terceiro Espaço: Confluências entre a Literatura Infanto-Juvenil e a lei 10.639/03”.

Após a leitura e reflexão tive a certeza de que iria pesquisar sobre a importância da literatura infanto-juvenil de autoria negra para dialogar com as educadoras da escola onde leciono. Ainda cogito compartilhar os resultados desta pesquisa e a importância de incluir no currículo da escola a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira e africana” nas disciplinas que já fazem parte do currículo do Ensino Fundamental.

Como professora alfabetizadora priorizo trabalhar leitura e oralidade com as crianças, pois é através da compreensão dos textos que desenvolvemos o senso crítico. Penso que a literatura infanto-juvenil de autoria negra é um referencial que não pode faltar nas minhas aulas. No mestrado em Ensino e Relações Étnicas Raciais ofertado pela Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB campus Jorge Amado em Itabuna-Ba conseguir realizar um sonho de infância, que era ter muitos livros; comprei várias coleções de literatura infanto-juvenil de autoria negra e montei um acervo pessoal.

Li todas as obras e me encantei. Queria que outras pessoas tivessem acesso a esse material riquíssimo. Assim surgiu a ideia de abrir um canal no YouTube nomeado “A hora de contar um conto e ganhar um ponto”⁵ para abordar a importância dos pais e educadoras/es mediarem o acesso a livros que trazem a positividade da valorização da identidade negra. No

⁵ Link para acesso ao canal: <https://www.youtube.com/@ahoradecontarumcontoeganha2331/about>

início publicava um vídeo por semana e contava as histórias com prazer e encantamento. Recebi muitos comentários de crianças e principalmente de adultos que sempre relatavam a falta de oportunidade de acessar esse tipo de literatura na escola e o quanto era interessante adquirir esse material para os filhos e netos — o objetivo do canal era esse mesmo, tendo sido atingido. Devido à finalização do Mestrado, precisei interromper as postagens no canal.

Figura 9: Canal “A hora de contar um conto e ganhar um ponto”



Fonte: Acervo pessoal/Plataforma Youtube

Após ler os livros de literatura infanto-juvenil criteriosamente, observando a linguagem escrita e a linguagem visual das obras, dentre muitas que trazem a temática antirracista. Selecionei três obras de autoria de mulheres negras por me identificar com as autoras e querer compartilhar a análise destas obras com outras educadoras/es e educandos do Ensino Fundamental em seus anos iniciais. A escolha e o acervo foram pensados a partir da possibilidade de abordar diferentes temas como cabelo, cor de pele e cultura negra; tanto na contação de história no canal do youtube quanto na realização da análise das obras, enfatizando as questões citadas e o quanto é significativo falar dessa representatividade para a construção ou afirmação de identidade das crianças.

Na primeira obra analisarei o cabelo crespo como representatividade negra e resistência aos padrões eurocêntricos de beleza; na segunda obra, o foco é a cor da pele e como se deu o processo de miscigenação no Brasil; e na terceira obra destacarei a luta dos povos negros que foram escravizados e usaram a capoeira enquanto forma de defesa e de que modo essas temáticas devem ser abordadas na escola. As respectivas obras são: *O meu crespo é de rainha*, da autora bell hooks (1999), *Que cor é minha cor?* da autora Martha Rodrigues (2006)

e o terceiro *Capoeira*, de autora Sônia Rosa, (2013). A metodologia será pautada na abordagem crítica da linguagem escrita e da linguagem visual (as ilustrações). Os livros que considero antirracistas são aqueles que apontam positividade nas narrativas e nas ilustrações.

Figura 10: Cortina Literária



Fonte: Acervo pessoal

Essa cortina (figura 10) foi costurada à mão com linha, fita de cetim, tecido colorido (chita) e plástico transparente com a intenção de aproximar o leitor dos livros. A cortina literária foi pensada e confeccionada por mim e minha tia Maria, uma mulher que gosta de costurar. A produção foi um momento agradável de muitas conversas e memórias compartilhadas. Chamei a produção de *cortina literária*, que é onde coloco os livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra, além de ser um material simples que pode ser confeccionado na sala de aula com a participação dos educandos. Esse é um dos exemplos de estratégias que devemos usar para chamar a atenção do leitor: a apresentação dos livros deve ser de forma dinâmica e lúdica para a leitura tornar-se prazerosa. Saliento a importância de compartilhar algumas sugestões e metodologias que deram certo na prática pedagógica e contribuíram na formação do leitor/a no processo da alfabetização, conforme destaco a seguir.

Na roda de leitura é bom que o narrador demonstre afetividade e alegria no momento da leitura para que as crianças também se encantem. Dessa forma, pode-se dividir em alguns passos como:

Primeiro momento — leitura para deleite na qual a educadora aborda a capa do livro,

os autores, os ilustradores para que crianças e jovens percebam que o livro foi construído por várias mãos. Durante a leitura em voz alta, com entonação dando vida ao texto literário e mostrando as ilustrações. Após a leitura, ouvir os comentários das crianças e fazer as intervenções necessárias.

Segundo momento — lendo e compreendendo — é quando a criança, adolescente ou jovem fará a leitura, compartilhando com seus colegas suas impressões sobre o livro.

Terceiro momento — registro de escrita — os educandos irão produzir palavras, frases e pequenos textos relatando o que compreenderam no texto lido.

Quarto momento — escrevendo do seu jeito — é uma escrita espontânea que os educandos farão sem intervenção da/o educadora/o e serve para uma avaliação diagnóstica do nível de escrita nas séries iniciais; além disso, essa representação pode se dar em forma de desenho para os educandos da educação infantil.

Podemos construir projetos de leitura, sequências didáticas, mala de leitura, baú da leitura, releitura escrita e desenhada para a leitura ser algo significativo na vida dos leitores. Atuo como alfabetizadora há 12 anos e sempre uso várias dessas estratégias. Nesse momento estou compartilhando minha experiência porque o resultado tem sido positivo na minha prática pedagógica. Não só as crianças aprendem através da literatura infanto-juvenil, os adultos também gostam de ouvir histórias, ler e contar. Atuo também na turma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos — EJA onde posso comprovar isso diariamente. O dia de contação de história é a melhor aula, pois a alegria toma conta da sala de aula e a educadora atua como mediadora do processo de aprendizagem (vide figura 11).

Figura 11: Contação de histórias pela pesquisadora

Contação de história na EJA



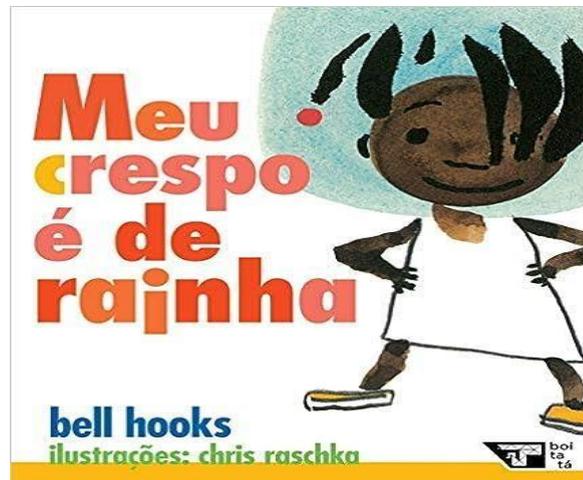
Conforme as experiências mencionadas acima, podemos afirmar que a literatura infanto-juvenil de autoria negra tem grande relevância no processo de afirmação e valorização da identidade negra das crianças, jovens e adultos, portanto se faz necessário o uso desse acervo presente nas escolas públicas. Segundo o Ministério da Educação, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura dos educandos e educadores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura.

O atendimento é feito de forma a abranger, de forma universal e gratuita, todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. O programa divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio; e o PNBE do educador/a, que pretende apoiar a prática pedagógica dos educadores/as da educação básica e também da educação de jovens, adultos e idosos por meio da avaliação e da distribuição de obras de cunho teórico e metodológico. Diante do exposto, torna-se pertinente o uso dessas obras literárias que chegaram às escolas no ano 2013, dez anos após a promulgação da lei 10.639/03. Seguiremos a análises das três obras literárias escolhidas durante o curso de Mestrado, a fim de perceber a relevância de cada uma, em busca de uma educação antirracista.

3.1 Meu crespo é de rainha

De autoria da escritora bell hooks, *Meu crespo é de rainha* é uma obra de grande importância para oportunizar às crianças desde cedo a reversão do processo histórico da invisibilidade negra e dos cabelos crespos. O título da obra remete à necessidade do empoderamento feminino pelo fato de valorizar os cabelos crespos e reafirmar autoconfiança das crianças. É um poema rimado e ilustrado com imagens positivas. A linguagem escrita é delicada e faz elogios a diversas formas de cabelos crespos e cacheados com indicação de diferentes penteados. As ilustrações são de chris raschka e a tradução para o português de nina rizzi, publicado pela editora Boitatá em São Paulo no ano 2018. Vejamos a capa da obra na página a seguir.

Figura 12 - Capa do livro *Meu crespo é de rainha*



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Meu-Crespo-Rainha-Bell-Hooks>

A autora bell hooks destaca a importância de trazer a leveza na escrita que envolve e encanta. O cabelo crespo é representado como algo a ser celebrado em todas as formas, estilos e penteados. As meninas negras sempre foram educadas a seguir padrões de beleza impostos pela sociedade racista, por meio da mídia e outros veículos de comunicação, a fim de serem aceitas com os padrões de beleza europeia. Era necessário alisar os cabelos crespos, tornando-os “apresentáveis”. Durante a infância ocorrem os primeiros momentos de intervenção, como aponta Gomes:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensar que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância. (GOMES, 2008, p.184)

Desse modo, o sentimento de rejeição com os cabelos crespos começa na infância com as falas dos adultos e com as tranças feitas pelos familiares, a fim de “prender” o cabelo crespo e esconder a negritude. Nem sempre a criança gosta de tranças, sentindo-se constrangida, pois às vezes esse momento se torna doloroso, já que o cabelo crespo embaraça facilmente e a manipulação do pente para desembaraçar machuca, além da manipulação dos elásticos que pode intensificar o processo doloroso.

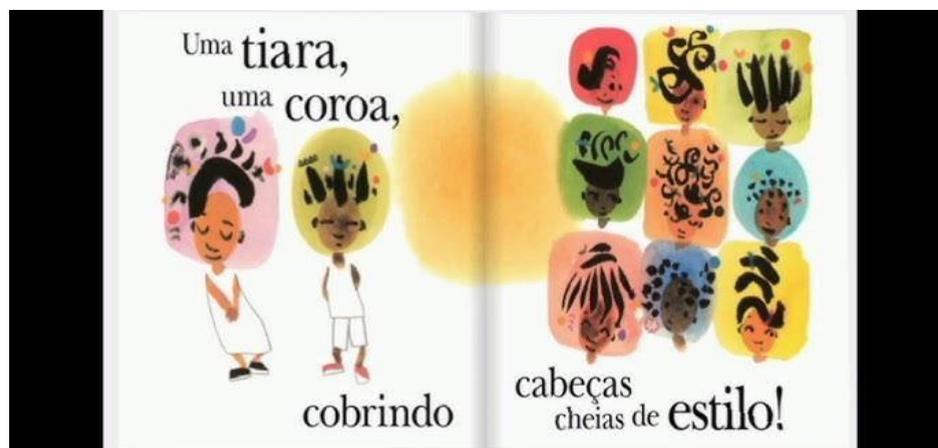
Na minha infância passei por isso. O momento de pentear os cabelos — com a

intenção de “domá-los” — era o mais temido dia, pois na escola era motivo de piadas e às vezes eu desmanchava o penteado à noite e pela manhã minha mãe me batia porque eu tinha que ir para a escola com o cabelo preso. O cabelo crespo era chamado de ruim, “cabelo de bombril”, “cabelo de bruxa”. Os coques apertavam muito a minha cabeça e, por consequência, eu não gostava do meu cabelo. O preconceito e racismo na sociedade brasileira é muito cruel a ponto de fazer a criança odiar o próprio cabelo e corpo negro.

Na obra *Meu crespo é de rainha* de bell hooks se ressalta a importância que o cabelo crespo expressa, pois a criança negra traz a sua história e ancestralidade através do corpo, da cor e dos cabelos que revelam a nossa identidade de origem africana. Nas páginas seguintes a autora bell hooks, através da linguagem escrita, vai revelando para as crianças que elas podem usar o que quiserem: “Uma tiara, uma coroa, cobrindo cabeças cheias de estilos!” O ilustrador chris raschka fez as ilustrações dando ênfase nos detalhes das crianças com penteados diferentes, usando vários adereços e essa representatividade reforça a autoconfiança das crianças.

Na minha infância não tive acesso a uma literatura infanto-juvenil que me representasse e valorizasse meus cabelos crespos e sofri muito para mantê-los. Durante o dia minha mãe prendia apertando muito a ponto de não conseguir fechar os olhos. À noite eu tirava os cordões e laços que apertavam minha cabeça e por isso no dia seguinte apanhava logo cedo. Eu odiava meu cabelo e queria ter nascido menino para cortar bem curtinho. Hoje mantenho meus cabelos curtos e soltos, não consigo dormir com o cabelo preso. Acredito que é fruto da não aceitação na infância e como essas questões afetam nossas vidas.

Figura 13 - *Meu crespo é de rainha*. Representação dos cabelos crespos



É esse tipo de literatura que devemos levar para o espaço escolar por trazer referências positivas para as crianças serem livres dos padrões de beleza impostos pela branquitude. A autora

bell hooks vai destacando a liberdade que as crianças negras podem ter com os seus cabelos crespos. Podemos ver esse empoderamento a partir da escrita: “Pode ser moicano bem alto, ou jogado para baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho”. “Ou livre, leve e solto, ao sabor do vento!” (HOOKS, 2018, p.) Trabalhar com a literatura infanto-juvenil de autoria negra na escola é importante na prática docente, pois traz outras possibilidades de formação humanizadora e libertadora. Para Gomes (2003), existem muitas possibilidades de construção de identidade negra e a escola só será privilegiada como um espaço de construção de identidades a partir da formação de educadores para trabalhar a diversidade étnico-racial e cultural.

O entendimento desse contexto revela que o corpo, como suporte de construção da identidade negra, ainda não tem sido uma temática privilegiada pelo campo educacional, principalmente pelos estudos sobre formação de professores e diversidade étnico-cultural. E que esse campo, também, ao considerar tal diversidade, deverá se abrir para dialogar com outros espaços em que os negros constroem suas identidades. Muitas vezes, locais considerados pouco convencionais pelo campo da educação, como por exemplo, os salões étnicos.(GOMES, 2003 p. 167)

Uma literatura infanto-juvenil com proposta de representação dos/as negros/as, que rompa com esses lugares de saber, pode trazer imagens e referências enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o/a negro/a como protagonista é favorável à construção de uma identidade positiva. “Cabelo para pentear, cabelo para enfeitar, para enrolar e trançar ou deixar como está. Tão gostoso cabelo tão sedoso de brincar” (HOOKS, 2018, p. 15). Percebemos que a autora aponta a necessidade de deixar as crianças livres de amarras preconceituosas, que as imagens e a escrita representam um corpo que dança, brinca e é feliz.

chris raschka é um ilustrador, escritor e violonista americano, ele contribuiu com a ilustração da obra analisada e percebemos que a linguagem escrita está em consonância com a linguagem visual. Na obra *Meu crespo é de rainha* as ilustrações têm um traçado muito afetivo. As ilustrações dos personagens são tão realistas que, se olharmos atentamente, percebemos as emoções que cada personagem expressa como: alegria, curiosidade, amor, respeito, autoconfiança, concentração, satisfação, carinho e um colorido que alegra o pequeno leitor e estreita o vínculo entre a linguagem escrita e a imagética.

Por muito tempo a literatura infantil lobatiana fez parte das nossas vidas e de todas as crianças do Brasil, seja no livro de leitura ou na televisão, que apresentava o sítio do picapau amarelo. A boneca falante, Emília, assumia um papel de protagonista e fazia brincadeiras e piadas racistas com os outros personagens. Na narrativa tinha negros, mas assumiam um papel de subalternidade, dado que esse tipo de literatura infantil apresentava o negro de forma

folclorizada, animalizada e desumanizada.

Nesse estudo, selecionamos uma literatura infanto-juvenil que represente o negro com respeito e valorização de sua identidade e que conte sua história para outras crianças negras poderem escrever suas próprias histórias sem estereótipos e racismo. Podemos chamar a literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras de uma ação afirmativa que denuncia toda forma de preconceito, violência física e verbal. Ao longo dos anos vimos livros infantis que propagaram o racismo de forma sutil, introjetando na criança que os brancos eram superiores aos negros, e que o negro sempre assumia o papel de subalterno.

Figura 14 – *Meu crespo é de rainha*. Representação de penteados nos cabelos crespos.



A ilustração de uma mulher trançando o cabelo da menina (figura 14) reforça o laço maternal e a importância da transmissão oral de saberes de diferentes gerações. Transmitir essa habilidade de trançar é um modo de preservar as memórias e vivências de matriz africana.

Entre os processos culturais construídos pelos homens e pelas mulheres na sua relação com o meio, com os semelhantes e com os diferentes, estão as múltiplas formas por meio das quais esses sujeitos se educam e transmitem essa educação para as futuras gerações. É por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana, acumulados (e também transformados) por gerações e gerações. (GOMES, 2003 p.170)

bell hooks aponta a necessidade de enaltecer a beleza da estética negra. Nesta análise dialogamos com a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2008), em sua obra “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, resultado de sua tese de doutorado. A partir de pesquisa realizada em salões de Belo Horizonte, a autora analisa o cabelo como corpo social e linguagem que expressa o conflito racial vivenciado por negros/as. O estudo revela como a identidade negra é construída pela estética do corpo e do cabelo, e como estes espaços de

embelezamento acabam se revelando como espaços culturais. E nos versos da obra *Meu crespo é de rainha* fica evidente em cada trecho com a autora vai relatando na escrita de forma afetiva e carinhosa. “Cachinhos, crespinhos, birotos, coquinhos. Ou quem sabe um turbante! Todas as meninas brincando livres” (hooks, 2018, p.11)

Com esse tipo de literatura infanto juvenil de autoria negra no espaço escolar, nossas meninas e meninos terão a possibilidade de romper com o processo de racismo que historicamente foi imposto na sociedade e hoje continua com suas máscaras, agindo sutilmente, com apelidos e brincadeiras de mau gosto. A linguagem escrita enaltece o cabelo crespo para contribuir para a afirmação de identidade: “Feliz com meu cabelo crespo! O meu crespo é de rainha” (hooks, 2018, p 23).

A qualidade que essa parte da obra carrega do início ao final do livro é libertador e emocionante ao trazer muitos significados para as meninas negras e mulheres. Na minha trajetória como docente, toda vez que conto/leio essa história acabo me emocionando porque muito cedo minha mãe alisou meu cabelo e por muito tempo vivi com os cabelos alisados, não me sentindo confortável com um cabelo que não mostrava realmente quem eu sou. Após a gestação resolvi fazer a transição capilar e o corte curto. A cada mecha de cabelo alisado que caía no chão eu me sentia liberta. Hoje sou feliz com meu cabelo crespo. Tenho liberdade de tomar um banho de chuveiro sem me preocupar se vou molhar o cabelo e a chapinha sairá, vou ao rio e à praia sem sentir vergonha de molhar o cabelo, tomo banho de chuva.

Priorizo trabalhar com a literatura infanto-juvenil de autoria negra no cotidiano escolar, seja na leitura para deleite ou no projeto de leitura, sequências didáticas, pois a diversidade dessas obras pode transformar vidas. Na minha infância eu não tive referências positivas na linguagem escrita e visual, mas por gostar tanto dos livros acabei aprendendo a ler a partir da literatura infantil.

Promover a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico racial na educação brasileira a partir do enfrentamento estratégico de culturas e práticas discriminatórias e racistas institucionalizadas presentes no cotidiano das escolas e nos sistemas de ensino que excluem e penalizam crianças, jovens e adultos, negros e comprometem a garantia do direito à educação de qualidade de todos e todas (BRASIL, 2003, p. 11).

Nesse sentido, tem-se a relevância do tema para o cenário educacional, tendo em vista que as obras de literatura infanto-juvenil de autoria negra instrumentalizam o/a educador/a para a liberdade de trabalhar conteúdos relevantes e enfatizar as colaborações dos negros que muito contribuíram para a formação da nação brasileira. Além de ser necessário que as mesmas apresentem potencial de desconstruir o aprendizado discriminatório, presente nas questões

socioculturais do nosso país, através da promoção dos conhecimentos históricos da nossa sociedade.

Pensamos ser necessária a concretização de uma educação engajada de acordo o pensamento de Freire (2006). Daí a ênfase na formação docente e atuação na implementação de outro olhar didático, direcionado para uma prática pedagógica humanizadora voltada para o processo de estimular o potencial criativo dos educandos para que esses possam desenvolver outras leituras de mundo. Em diálogo com a autora bell hooks (2013) pensamos em trazer para a sala de aula a literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras, por meio da reafirmação dos sujeitos presentes na comunidade de aprendizagem enquanto protagonista na construção do conhecimento crítico. Sobre isso estamos convencidos de que os caminhos da formação precisam ser trilhados para os educadores das séries iniciais, trazendo a formação crítica do pensamento científico com um viés epistemológico que prime por uma educação antirracista, estabelecendo, sobretudo, o comprometimento com temáticas raciais, de gênero e classe.

Tendo como base discussões de autores e principalmente de autoras negras, podemos vislumbrar as contribuições importantes para a abordagem da literatura infanto-juvenil no processo de alfabetização. Somente a partir da formulação de uma linguagem descolonizadora é possível a transgressão dos limites pré-estabelecidos nos currículos para avançar rumo a uma educação libertadora. Partindo da obra *Meu crespo é de rainha* encontramos diversas provocações necessárias para que os educadores/as possam assumir uma postura crítica em prol de uma prática desfocada e despreocupada com o rigor ou com a metodologia. Freire diz: “a prática educativa-crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica” (2013, p.86). É possível, assim, considerar tanto a aprendizagem dos educandos quanto a experiência pedagógica do educador/a como práticas libertadoras.

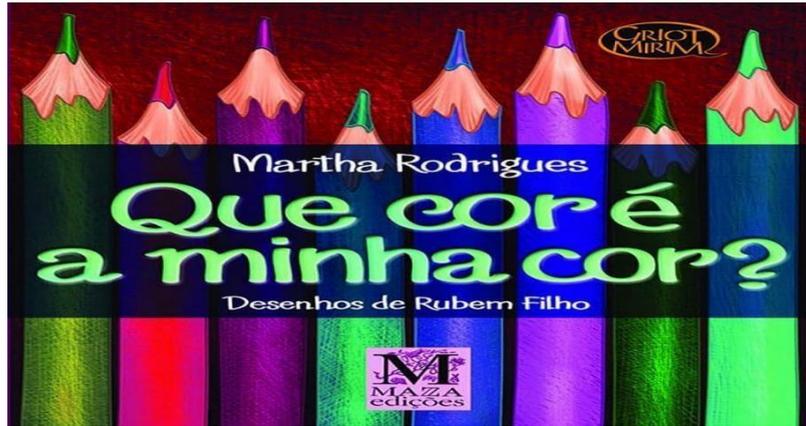
3.2 Que cor é minha cor? Martha Rodrigues

O livro *Que cor é minha cor?* foi escrito por Martha Rodrigues e ilustrado por Rubem Filho, publicado em 2005 pela editora Mazza Edições. A autora destaca na contracapa que é apaixonada por livros e sua inspiração para escrever a literatura infantil surgiu a partir de suas experiências na contação de histórias para sua filha e netos. A obra representa a história de uma menina que reconhece sua identidade corporal e cultural, associando as representações de elementos compostos na natureza.

Na capa do livro temos a multiplicidade das cores através das ilustrações de uma caixa de

lápiz de cor. O título do livro *Que cor é minha cor?* está associado à imagem de vários lápis de cor, assim como a cor da pele dos brasileiros que demonstram a pluralidade étnico-racial.

Figura 15 - capa do livro *Que cor é minha cor?*

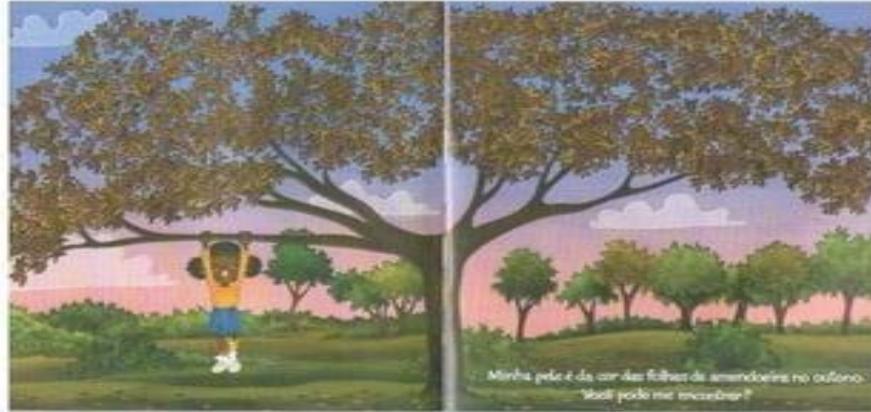


Fonte: <https://www.amazon.com.br/Que-Cor-%C3%89-Minha/dp/8571603626>

A capa do livro (figura 15) possibilita que a criança tenha acesso à diversidade de lápis coloridos que podem, no contexto social e educacional, representar a multiplicidade de cores que forma a nação brasileira, assim como podemos fazer reflexões sobre o que os pequenos conhecem como cor de pele: geralmente eles associam a cor de pele à cor bege. Cabe ao educador/a nesse momento fazer as devidas intervenções, provocando para as crianças reconhecerem que o bege não representa a cor de todas as pessoas e que foi a mistura de muitas cores que deram os tons de pele a cada sujeito.

A menina negra protagonista da narrativa em questão inicia a construção da história em meio à diversidade de lápis de cor com a seguinte indagação: “Que cor é minha cor?” “Você pode me contar?”. Sabemos que muitas crianças chegam ao espaço escolar com o conhecimento e costumes enraizados socialmente. Esses costumes chegam na sala de aula e as crianças fazem associações a um tom de rosa-claro (ou bege) para pintar os desenhos de pessoas. É nesse momento que podemos inserir a literatura infanto-juvenil de autoria negra para desconstruir esses estereótipos e essa obra tem grande contribuição para que nós, educadoras e educadores, façamos as intervenções necessárias.

Figura 16 - *Que cor é minha cor?* – categoria corporal

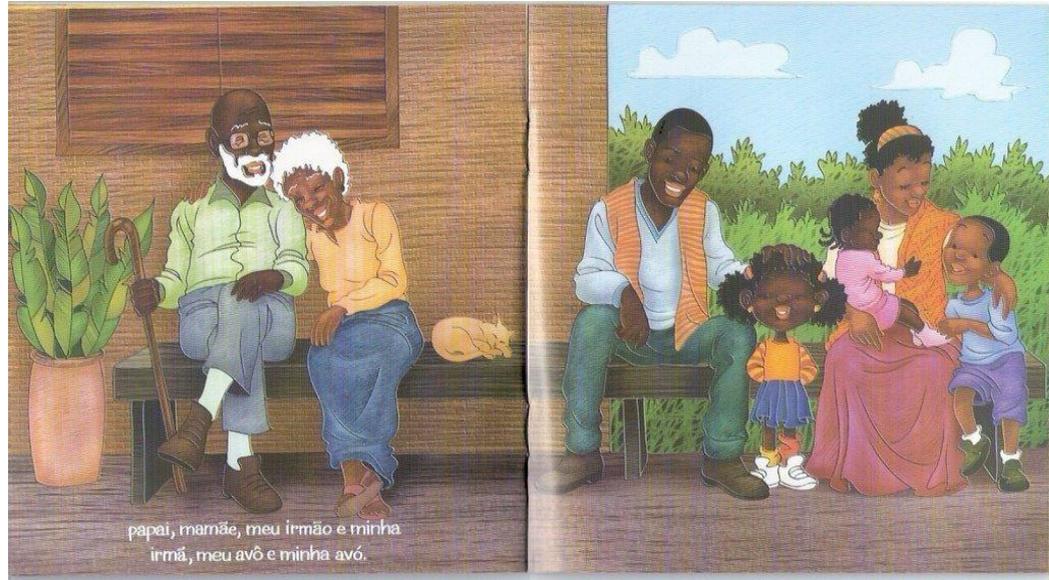


Na figura acima a protagonista é representada com a pele negra, os cabelos crespos, os traços africanos acentuados nos traços físicos como boca e nariz. O ilustrador Rubem Filho trouxe a categoria identitária nas imagens que representa o empoderamento dos corpos negros. A representação da menina negra na literatura infanto-juvenil reforça diversos estereótipos nas obras, trazendo uma deslealdade a essa parcela da sociedade que já, por muito tempo, é tratada com descaso e desprezo. A presença de personagens negros na literatura infanto-juvenil como protagonista é uma forma de reparação e valorização de povos negros que contribuíram muito com a formação da sociedade brasileira e mostrar a intelectualidade negra, silenciada ao longo do tempo, conforme analisa Alves (2010):

Escrever as próprias histórias/vivências se configura como uma das características centrais da literatura negra, haja vista o protagonismo das vozes antes silenciadas, a auto representação daquelas/es sempre vistas/os como objeto pensados por outrem, nunca antes como sujeitos pensantes. Esta escrita, além de funcionar como um catalisador das histórias de pessoas negras, evidencia, “no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano, inclusive das artes literárias” (ALVES, 2010, p. 44)

A literatura escrita por mãos negras, além de configurar um ato de resistência, constitui a possibilidade de pessoas negras se sentirem devidamente representadas. A narrativa que brota de um olhar historicamente excluído traz uma linguagem de subversão a linguagem colonial e adquire um código linguístico próprio. A população negra se deu conta que tem uma voz e pode falar. Logo, esse lugar de fala permite que os negros/as (re)escrevam suas histórias atribuindo sentidos à sua existência .

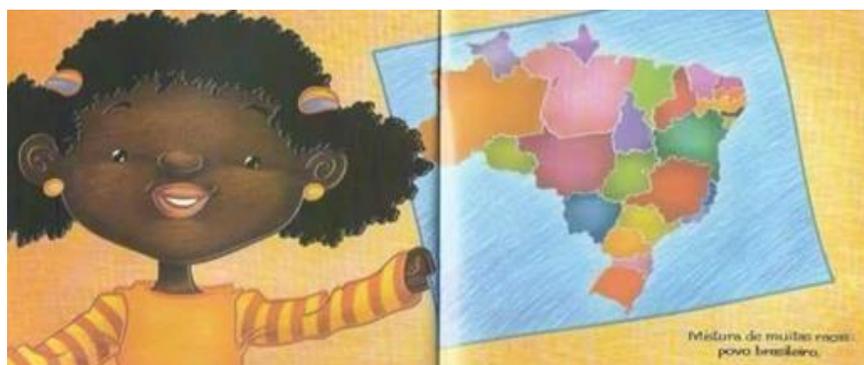
Figura 17 - *Que cor é minha cor?* – Famílias negras.



Ao analisar a figura 17 percebemos que a família da protagonista está em harmonia com o plano verbal apresentando os seus membros: “papai, mamãe, meu irmão e minha irmã, meu avô e minha avó” (RODRIGUES,2006, p.14). O ilustrador Rubem filho desenhou os personagens de forma positiva, bem vestidos, com uma expressão de contentamento e afetividade entre os membros da família. As semelhanças físicas seguem de forma harmônica, tornando a narrativa positiva, legitimando a valorização da família negra e os valores e costumes passados de geração a geração.

Mais uma vez a personagem ressalta o quanto a nação brasileira é composta de muitas cores, raças, etnias, cultura. É importante contextualizar como se deu o processo de miscigenação no Brasil, originado pelo poder que os brancos exerciam sobre os povos negros e escravizados a fim de exterminar os povos negros com a política de branqueamento.

Figura 18 - *Que cor é minha cor?* – Elementos geográficos de articulação África e Brasil



Munanga (2002) contribui com esse debate argumentando que:

Neste sentido, a maioria da população brasileira, negra e branca, introjetou o ideal do branqueamento, que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo como também na formação da auto-estima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca. (MUNANGA,2002, p.11).

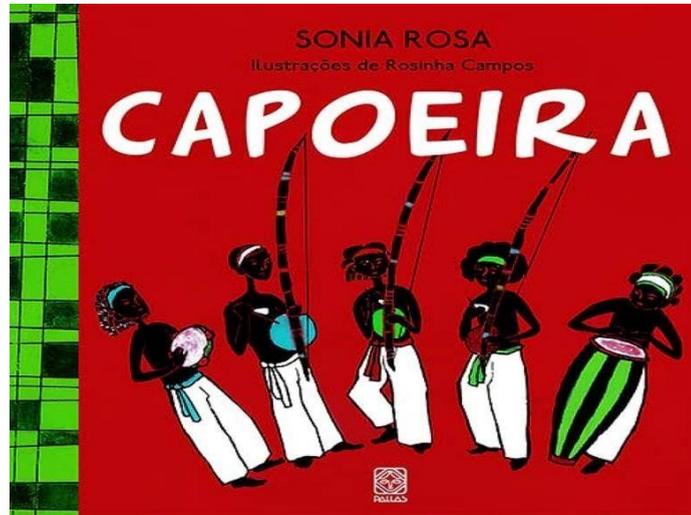
Desse modo, é importante que os educadores e as educadoras abordem a literatura infantil e infanto-juvenil de autoria negra. Com tal acervo, pode-se trabalhar as temáticas do processo de miscigenação que dá origem à diversidade cultural, das características corporais como cor de pele, cabelos e traços físicos que compõem a sociedade brasileira. É preciso reafirmar que os livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra atuam como um recurso imprescindível de ação afirmativa.

A linguagem escrita da obra *Que cor é minha cor?*, da autora Martha Rodrigues, traz um destaque que anuncia a delicadeza no plano verbal e visual. Esse cuidado que a autora e o ilustrador tiveram aproxima o leitor que, ao analisar as imagens, permite surgir o prazer e gosto pela leitura. A referida obra traz a provocação que muitas pessoas têm de auto-identificação, assim como a protagonista foi fazendo comparações pertinentes com elementos compostos na natureza e nas nossas casas como: árvores, animais e até bebidas, a exemplo do café como podemos observar no trecho “brilhante, forte. O meu pai gosta de café pela manhã, minha mãe gosta de café com leite. Marrom...escuro... cor da minha cor. você sabe onde estou?”. (RODRIGUES, 2006, p.11).

O que chama atenção na literatura infanto-juvenil escrita por mulheres negras é cada obra ser pensada e tem uma intencionalidade de provocar no leitor uma reflexão acerca dos processos de desconstrução de estereótipos raciais. Esse tipo de literatura não é apenas para ser lida, mas sim sentida, discutida e analisada com um olhar que desmistifica toda a forma de racismo propagando em outras literaturas infanto-juvenis que enaltecem a figura do branco e menosprezam a figura dos negros.

3.3 Capoeira – Sônia Rosa

Figura 19 - capa do livro *Capoeira*



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Capoeira-Sonia-Rosa/dp/8534703671>

No livro *Capoeira*, da autora Sônia Rosa e ilustração de Rosinha Campos, me chamou atenção a mensagem de Rosa ao final da obra:

Era uma vez um país chamado Brasil. Depois que os portugueses tomaram posse do país, trouxeram da África muitos negros para trabalhar como escravos. Eles trouxeram suas músicas, suas danças, suas línguas, sua religião e muitos outros costumes. Esses costumes se misturaram com os dos índios que aqui moravam e com os dos portugueses. Passou muito tempo. Vários dos costumes dos negros viraram partes importantes da cultura do país, mas muita gente não se lembra de que eles foram trazidos pelos escravos. (ROSA, 2020)

A autora destaca a importância da herança africana para a construção da sociedade brasileira, fazendo uma reflexão imensurável sobre história do Brasil. Aquilo que frequentemente não é contado nos livros didáticos de história, levando muitas pessoas a acreditar que os portugueses foram os primeiros habitantes do Brasil, quando, na verdade, aqui em nosso país já existiam povos indígenas, nativos dessa terra. Cláudia Alves (2012, p. 210) salienta:

Todo contato com o passado é de re-conhecimento. Buscar conhecer o passado é, antes de tudo, reconhecer que há várias trilhas de construção que nos antecedem, que muito do que temos e fazemos não seria possível sem o trabalho e as lutas das gerações anteriores. Mas também é reconhecer um rol infindável de atrocidades, é admitir a elasticidade do humano oscilando entre a criação e a morte. Por isso, ver o passado é ver a si mesmo, conhecer o passado é ampliar o conhecimento de si, por meio do contato com o outro. Conhecer o passado é aumentar a sensibilidade para o outro. (ALVES, 2012, p. 210).

Os povos negros foram trazidos da África nos navios negreiros para serem escravizados no Brasil. Os negros não eram “escravos”, foram escravizados pelos portugueses e forçados a trabalhar sem direito algum. Por isso houve a luta de resistência contra toda forma de escravidão e a capoeira surgiu a partir da necessidade dos negros se defenderem, juntando a luta, a dança e a música, resgatando os valores civilizatórios africanos. É importante pontuar que na obra *Capoeira* consta a palavra “escravos”. Nesse caso, recomendamos que durante a mediação de leitura realizada pelo/a educador/a haja a problematização desse termo e a contextualização da condição de escravizado. Obviamente esse trabalho precisa ser realizado numa linguagem adequada à faixa etária das/os leitoras/es.

No livro *Capoeira* percebemos a maneira como as crianças podem brincar com as palavras e figuras, desenvolver o senso crítico e o gosto pela leitura através da literatura infanto-juvenil. O livro apresenta os aspectos históricos com destaque para a capoeira como luta de resistência dos povos negros bantos de Angola. Os escravizados nas fazendas usaram a capoeira como uma forma de defesa contra a escravidão. Trazer para o espaço escolar de forma lúdica a contação da história da capoeira para as crianças se torna uma forma de conhecer a luta dos nossos antepassados.

Figura 20- *Capoeira*. Representação da roda de capoeira



Seguindo a leitura, observando as imagens da figura 20, percebemos os movimentos corporais, o gingado, as cantigas e as palavras recheadas de alegria. A capoeira segue toda uma mística nas vestimentas, no modo de lutar, tocar e cantar. A roda de capoeira na rua é uma maneira de trocar energias entre os sujeitos que compõem o jogo. A autora Sônia Rosa e a ilustradora Rosinha Campos apresentam o plano verbal da obra *Capoeira* e as ilustrações de pessoas negras,

mostrando a positividade da luta e da leitura.

O livro analisado possui 12 páginas, todas com as ilustrações bem detalhadas de cada ação nas rodas de capoeira. É perceptível também que a escrita representa as manifestações culturais com as cantigas usada de geração em geração conforme está destacada na figura acima. “Roda, rua capoeira, alegria no meio da roda, capoeira linda, capoeira boa, hoje tem capoeira” (ROSA, 2004, p.11).

Assim, segue a narrativa contando a luta dos povos negros que foram escravizados no Brasil e como contribuíram na formação da sociedade brasileira, enriquecendo nosso país com saberes de matrizes africanas.

Figura 21- *Capoeira*. Diversidade brasileira

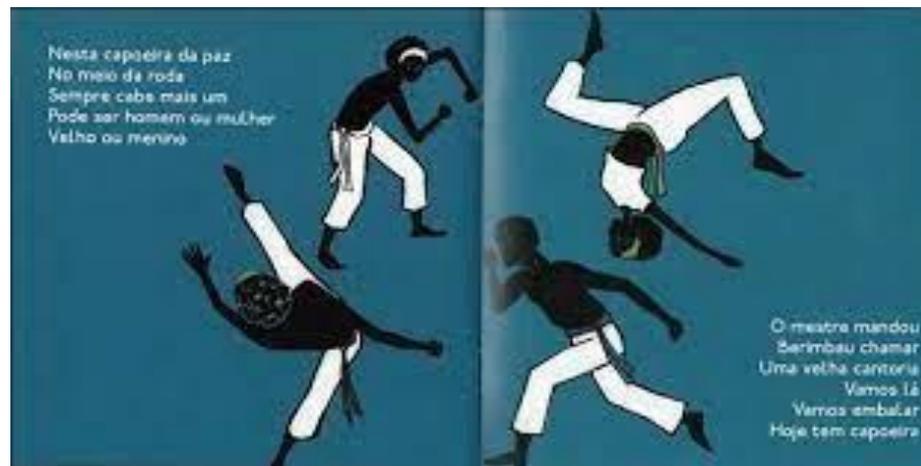


A figura 21 mostra a diversidade na roda de capoeira: do lado esquerdo aparece uma pessoa negra no plano de fundo branco dando a mão a uma pessoa branca; do lado direito está uma pessoa branca repetindo o mesmo gesto no plano de fundo preto. Essa parte revela que a roda de capoeira também é uma roda de diversidade e troca de saberes: “o povo cantou, capoeira linda, capoeira boa, é hora de vadiar” (ROSA, 2004, p 06). A roda de capoeira é um lugar de brincar, se divertir e vadiar. Segundo o intelectual Muniz Sodré: “vadiação, brincadeira, são outros nomes com que os negros designavam na Bahia o jogo de capoeira. Capoeira se luta, joga e dança, é algo que se faz entre amigos e companheiros.” (SODRÉ, 1988, p. 202)

As ilustrações de Rosinha Campos dialogam com a linguagem escrita, trazendo a positividade da narrativa. “Olha a ginga, olha o rolê, o mestre falou, que não vale rasteira” (ROSA, 2004, p. 07). A capoeira Angola é uma modalidade da prática que objetiva resgatar a

herança de um legado africano. Ela foi caracterizada por meio dos trabalhos de mestres baianos como Pastinha.

Figura 22 - *Capoeira* - representatividade do mestre de capoeira



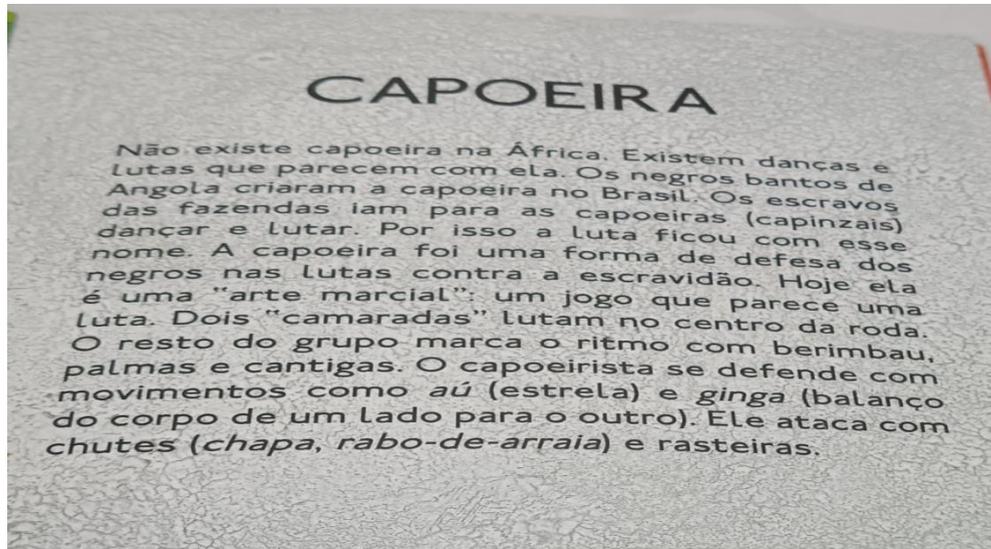
Na figura 22, destaque para a importância dos mestres enquanto referencial de luta, virtude, compromisso com a verdade e com a história: “Nesta capoeira da paz, no meio da roda, sempre cabe mais um, pode ser homem ou mulher, velho ou menino” (ROSA, 2004, p.08).

A figura do mestre se assemelha a tantas outras figuras em outros povos, sendo sobretudo um símbolo de sabedoria. Na página 09 a autora destaca: “o mestre mandou berimbau chamar, uma velha cantoria, vamos lá, vamos embalar, hoje tem capoeira” (ROSA, 2004, p. 09).

Enquanto cultura, a capoeira vem sendo inserida nos espaços de saber como atividade extracurricular. Como manifestação cultural vem ganhando notoriedade entre os pequenos negros ou não, que mesmo ainda inconscientes da sua riqueza e potencial, acolhem como um momento de lazer e ludicidade. Desta forma vamos resgatando, ainda que a passos lentos, eu diria bem pueris, o sangue e o suor de um povo manifestado na diversidade de seu ser.

Antes da apresentação da autora e ilustradora, na última página, há um texto explicativo sobre a origem da capoeira.

Figura 23- *Capoeira* - A origem da capoeira



A obra analisada foi o livro “Capoeira”. Esse foi um livro considerado adequado para o fim que se destina, pois como obra paradidática dispõe de ilustrações que privilegiam a ludicidade e o linguajar é simples. O livro consegue valorizar muito bem a capoeira como instância educativa para além das possibilidades fechadas que a escola oferta, valorizando a cultura negra como movimento, ou seja, cultura democrática que agrega a diversidade e não enquadra nenhuma diferença em verdades prontas e acabadas.

Aqui encerro as análises das três obras destacando a importância do uso da Literatura infanto-juvenil de autoria de mulheres negras e a relevância da temática negra na ampliação e percepção de mundo das crianças, no respeito às diferenças e na valorização da história da população negra. A literatura infanto-juvenil de autoria negra tem grande relevância no processo de aprendizagem e formação identitária das crianças, cabendo aos educadores/as selecionar esse material e trabalhar no espaço escolar contribuindo para uma educação antirracista.

3.4 Roteiro de oficina para formação de educadoras, para uma educação antirracista usando a literatura infanto-juvenil de autoria negra

A proposta de formação continuada para as educadoras da Escola Municipal Acúcio Magalhães (Ubaitaba — BA) surgiu a partir da minha vivência e prática pedagógica. Percebi haver grande dificuldade em trabalhar com a temática étnico-racial e a dificuldade de incluir

esses conteúdos no planejamento diário. Há algum tempo venho enfatizando com a equipe escolar sobre a importância de se trabalhar dentro do que preconiza a lei 10.639/03 nos conteúdos curriculares, sendo dito por algumas educadoras que essa temática era contemplada no dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro, não sendo possível essa abordagem no cotidiano porque os conteúdos programáticos do trimestre deveriam ser aplicados. Isso sempre me incomodou porque o 20 de novembro é uma data significativa para lembrarmos a trajetória de Zumbi do Palmares, um herói negro que lutou pela liberdade dos seus povos. Cheguei à conclusão que talvez isso se devesse à falta de formação e informação porque a escola fica localizada em um bairro periférico e os educandos são meninas negras e meninos negros.

Comecei a incluir no planejamento diário — em minha prática político-pedagógica — a leitura para deleite e seleção das obras infanto-juvenis publicadas após a lei 10.639/03. Passei a compartilhar na roda de conversa a interpretação de cada narrativa e ilustrações, mostrando para as crianças a importância do cabelo crespo, a cor de pele preta e a cultura de matriz africana para a construção da nossa identidade negra.

No período da especialização em Educação Científica e Cidadania no IFBaiano-Uruçuca realizamos uma pesquisa na referida escola, explorando a importância da literatura-infanto-juvenil para a afirmação da identidade negra das crianças. O resultado da pesquisa foi muito significativo e as crianças se envolveram na leitura dos livros e se identificaram com os personagens.

No mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-raciais (UFSB), pensamos na possibilidade de ampliar as discussões com foco nas educadoras e na equipe escolar, mediante proposta de formação continuada e a inclusão da lei 10.639/03 no currículo da escola para haver a efetivação da mesma.

Assim, elaboramos um roteiro das oficinas e cada temática escolhida tem por objetivo conscientizar as educadoras sobre a importância da aplicabilidade da lei 10.639.03 que versa o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Considerando que a referida lei traz a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares da educação nacional, estamos respaldados para que os educadores e gestores tratem da educação antirracista na escola. A seguir apresento o roteiro das oficinas destinadas à inserção da literatura infanto-juvenil de autoria negra na escola.

3.4.1. IDENTIFICAÇÃO

3.4.1.1 Título: Literatura Infanto-juvenil de Autoria Negra: Caminhos para uma educação antirracista

A presente proposta procura analisar como a formação de educadoras antirracistas pode contribuir para a inclusão da literatura negra na prática pedagógica na Escola Municipal Acúcio Magalhães em Ubaitaba-BA. Pretende-se que haja 6 encontros de formação sejam pautados em reflexões sobre racismo, lei 10.639/03, educação das relações étnico-raciais, literatura infanto-juvenil de autoria negra. A intenção é também provocar reflexões sobre o Projeto Político Pedagógico da escola com vistas à inserção da referida lei.

Carga horaria da oficina: serão 6 encontros de 03:00 horas, totalizando 18:00 horas

Local da realização: Escola Municipal Acúcio Magalhães em Ubaitaba-Ba

Período: outubro a novembro de 2024

Público participante: educadoras/es do ensino fundamental anos iniciais que lecionam na Escola Municipal Acúcio Magalhães em Ubaitaba-BA

3.4.1.2 Sub-temas dos encontros:

- I. Por uma educação antirracista.
- II. Literatura infanto-juvenil de autoria negra: reflexões e práticas.
- III. Repensando o PPP-Projeto Político Pedagógico da escola Acúcio Magalhães à luz da educação das relações étnico raciais.
- IV. Rediscutindo o PPP – inclusão da lei 10.639/03 no currículo da escola pública Acúcio Magalhães
- V. Literatura infanto-juvenil de autoria negra: um olhar sobre a prática pedagógica – introdução e desenvolvimento
- VI. Literatura infanto-juvenil de autoria negra: um olhar sobre a prática pedagógica – desenvolvimento e conclusão

3.4.2 Roteiro dos Encontros

3.4.2.1 Encontro I - Tema: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 8:00 hs – Apresentação do Plano de Formação Docente e objetivo do encontro.

2º Momento: 8:20 hs – Produção de cartas pelas professoras da escola Acúcio Magalhães.

Produção de cartas ou depoimentos autobiográficos para perceber início do processo formativo a partir das memórias das/os participantes. Os participantes serão estimulados/as a escrever seus depoimentos autobiográficos a partir de 3 pontos, a saber:

- 1- Sua trajetória estudantil e formação docente.
- 2- Seu pertencimento étnico-racial.
- 3- Os projetos da escola e suas práticas pedagógicas no que se refere à educação das relações étnico-raciais.

3º Momento: 9:00 - Reflexão sobre o tema do encontro e como ele se apresenta no cotidiano de cada uma das participantes. Apresentação de slide sobre o racismo e educação das relações étnico-raciais: Superando o Racismo na escola- MUNANGA (2005); Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. Educação e Sociedade- GOMES (2012) obs. (textos para referências dos slides); Durante a abordagem as/os participantes serão estimuladas/os a refletirem sobre a temática abordada, compartilhando comentários.

Intervalo: 10:30

5º Momento: 10:45 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação. Ficha em anexo.

6º Momento 11:30 – Encerramento

3.4.2.2 Encontro II - Tema dialógico REPENSANDO O PPP DA ESCOLA ACÚCIO

MAGALHÃES À LUZ DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 08:00 hs - Abertura do encontro.

2º Momento 8:30 - Roda de conversa com professoras, coordenação pedagógica e gestão

Discussão com a equipe da escola sobre a importância de atualizar o Projeto Político-pedagógico da Escola Municipal Acúcio Magalhães com a inclusão da lei 10.639/03. O objetivo é estimular as/os educadoras/es a trabalharem com questões étnico-raciais durante o ano letivo (e não só em datas comemorativas), promovendo destarte uma educação antirracista.

3º Momento: 9:30 hs - Reflexões sobre educação antirracista

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-racial e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (Brasil, 2005) obs. (textos para referências do slide) Estudo do Projeto Político-Pedagógico da Escola Acúcio Magalhães visando identificar lacunas.

Intervalo: 10:30

5º Momento: 10:45 – Contribuições ao PPP da Escola Acúcio Magalhães

Reflexão sobre a temática abordada e formulação dos tópicos a serem acrescentados no PPP a fim de contemplar a educação antirracista.

6º Momento: 11:20 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação
Ficha em anexo

7º Momento: 11:30 – Encerramento

3.4.2.3 Encontro III - Tema: REDISCUTINDO O PPP – INCLUSÃO DA LEI NO

CURRÍCULO DA ESCOLA PÚBLICA ACÚCIO MAGALHÃES.

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 8:00hs – Abertura com acolhida aos participantes.

2º Momento: 8:30hs - Roda de conversa sobre a importância da lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-raciais e sua inclusão em um documento legal da escola. Objetiva-se nortear as práticas político-pedagógicas assegurando a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-brasileira" no currículo do ensino fundamental em seus anos iniciais.

3º Momento: 9:00 horas – **Contribuições ao PPP da Escola Acúcio Magalhães.**

Elaboração coletiva do texto para inserir no PPP da Escola Acúcio Magalhães, em diálogo com a lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais.

Intervalo: 10:30

5º Momento: 10:45 – **Contribuições ao PPP da Escola Acúcio Magalhães**

Socialização do texto para inserir no PPP da Escola Acúcio Magalhães, em diálogo com a lei 10:639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais.

6º Momento: 11:20 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação. Ficha em anexo.

7º Momento: 11:30 – Encerramento

3.4.2.4 Encontro IV - Tema: LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA

NEGRA: REFLEXÕES E PRÁTICAS

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 8:00 hs – Abertura: mensagem de boas-vindas.

2º Momento: 8:15 hs - Apresentação da temática e objetivo do encontro.

3º Momento: 8:30 hs - Reflexões sobre a Educação das relações étnico-raciais.

Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03 (GOMES, 2019)

Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (HOOKS, 2017)

(textos para referência do slide)

4º Momento: 8:30 hs - Roda de conversa sobre a contribuição da literatura infanto-juvenil de autoria negra no processo de afirmação identitária das crianças negras para desconstrução de estereótipos e promoção da educação antirracista.

5º Momento: 9:00 hs - Literatura infanto-juvenil de autoria negra

Apresentação dos livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra. As/os participantes, organizadas em duplas, farão a leitura de uma das obras abaixo:

- Betina - Nilma Lino Gomes
- Meu crespo é de rainha - bell hooks
- O pequeno príncipe preto - Rodrigo França
- Os tesouros de Monifa - Sônia Rosa
- Foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas- Emicida
- Cadernos de rimas do João - Lázaro Ramos
- Princesas negras - Ariane Celestino Meireles
- Pretinha de neves e os sete gigantes -Rubem Filho
- Koumba e o tambor diambê - Madu Costa
- Que cor é minha cor? - Martha Rodrigues
- Minha mãe é negra sim! - Patrícia Santana
- Sinto o que sinto - Lázaro Ramos
- Cadernos sem rimas da Maria - Lázaro Ramos

6º Momento: 10:00 hs - Roda de conversa sobre as leituras, as imagens, os autores, dentre outros elementos interpretativos; Apresentação de slide: Confluências entre a Literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03 (Nascimento, 2019); A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens (DEBUS,2017).

Intervalo: 10:30

7º Momento:

10:45 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação. Ficha em anexo.

8º Momento 11:30 – Encerramento

3.4.2.5 Encontro V - Tema dialógico: LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 8:00 hs - Abertura

2º Momento: 08:15 hs - Apresentação do tema e objetivos do encontro.

3º Momento: 8:30hs- Literatura infanto-juvenil de autoria negra

Roda de conversa sobre a importância de selecionar os livros de literatura negra e de autoras/es negras/os.

4º Momento: 9:00 hs - Elaboração de sequências didáticas

As/os participantes, organizadas/os em grupos, deverão elaborar sequências didáticas voltadas à mediação literária da respectiva obra infanto-juvenil analisada no encontro anterior.

Intervalo: 10:30

5º Momento: 10:45 – Elaboração de sequências didáticas

As/os participantes, organizadas/os em grupos, deverão elaborar sequências didáticas voltadas à mediação literária da respectiva obra infanto-juvenil analisada no encontro anterior.

5º Momento: 11:20 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação. Ficha em anexo.

6º Momento: 11:30 – Encerramento**3.4.2.6 Encontro VI - Tema dialógico: LITERATURA INFANTO JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Carga Horária do encontro: 3h 30min

1º Momento: 8:00 hs - Abertura**2º Momento: 08:15 hs - Apresentação do tema e objetivos do encontro.****3º Momento: 08:30 hs -Elaboração de sequências didáticas**

As/os participantes, organizadas/os em grupos, deverão finalizar a elaboração das sequências didáticas voltadas à mediação literária da respectiva obra infanto-juvenil analisada no encontro anterior.

Intervalo: 10:30**4º Momento: 10:45 - produção de carta pelas professoras participantes**

Produção de cartas ou depoimentos autobiográficos para avaliar o processo formativo, os encontros/ estudos/ elaboração do texto; a inclusão da lei 10.639/03 no PPP; seus depoimentos autobiográficos a partir de 3 pontos, a saber:

- 1- Qual a contribuição deste estudo para sua formação docente?
- 2- A literatura infanto juvenil de autoria negra pode ser usada na sala de aula diariamente?

3- Você se sente preparada para trabalhar por uma educação antirracista?

5º Momento: 11:20 - Avaliação

No término de cada encontro cada participante irá receber uma ficha para realizar a avaliação.
Ficha em anexo.

6º Momento 11:30 – Encerramento

3.4.3 CRONOGRAMA

Tema: LITERATURA INFANTO JUVENIL NEGRA NA ESCOLA: caminhos para uma educação antirracista

Encontros De formação	Sub- temas	Período 2024
I	O RACISMO E SUAS FACETAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA	Outubro
II	POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	Outubro
III	LITERATURA INFANTO JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: REFLEXÕES E PRÁTICAS	Outubro
IV	REPENSANDO O PPP DA ESCOLA ACUCIO A LUZ DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	Novembro
V	REDISCUTINDO O PPP – INCLUSÃO DA LEI NO	Novembro

	CURRÍCULO DA ESCOLA PÚBLICA ACÚCIO MAGALHÃES.	
VI	LITERATURA INFANTO JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	Novembro
	Análise dos dados da pesquisa	Novembro

Anexos

Recursos usados nos encontros:

Sacola de tecido afro com bloquinhos personalizados, lápis, borracha e caneta

Xerox com os textos

Papel ofício

Piloto

Hidrocor

Cola

Datashow

Caixa de som

Pendrive

Cartolina

Obs. Cada encontro terá ornamentação de acordo a temática.

- 1- Encontro- painel com imagens que representa o racismo estrutural, institucional, violência contra pessoas negras, assédio moral, preconceito racial.

Obs. As imagens devem provocar as educadoras a fazerem uma leitura do ambiente.

- 2- Encontro- Tapete de retalhos com palavras como: Literatura, negra, leitura, escola, educadoras, educandos/as, equipe escolar, liberdade, identidade, valorização.

- 3- Encontro- Cortina com os livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra.
- 4- Encontro- ornamentação com cata-ventos e palavras geradoras como:
Repensar, discutir, reelaborar, reconstruir, reincluir, reutilizar...
- 5- Encontro- Mesma ornamentação da oficina anterior
- 6- Encontro- Cortina com os livros de literatura infanto-juvenil de autoria negra.

Ficha de avaliação

Data: ____/____/____

TEMA: LITERATURA INFANTO JUVENIL DE AUTORIA NEGRA: caminhos para uma educação antirracista

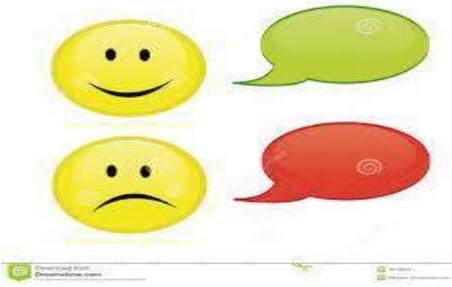
O que aprendi?

O que ensinei?

O que guardei comigo?

O encontro foi..... (avaliar)

Como me senti hoje?



Gratidão por compartilhar seu tempo e seu conhecimento conosco!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que muitas políticas públicas vêm sendo instituídas para combater o racismo e potencializar o processo de descolonização das mentes e corpos marcados pela cultura europeia. A lei 10.639/03 abriu portas através da obrigatoriedade para inserir, na educação básica, o ensino de história e cultura afro-brasileira. Para tanto, faz-se necessária a sensibilização dos professores enquanto mediadores de conhecimento no que tange à relevância da temática em questão, pautando suas escolhas literárias por autores negros que tenham representatividade na literatura infanto-juvenil, abordem vivências e sejam marco no processo de descolonização. É necessário um olhar mais crítico e apurado quanto à temática trazida.

Ainda percebemos uma grande timidez no que diz respeito à literatura de autoras/es negras/os, sendo a inserção ainda deficitária, dificultando a busca por obras que favoreçam uma literatura integrativa e lúdica, propiciando uma mudança de mentalidade voltada para a autoestima e identidade. A abordagem do tema, a apresentação do livro, a diagramação ilustrativa, as narrativas, a linguagem apresentada são fatores imperativos para tornar uma obra dessa natureza adequada à colaboração para a educação antirracista.

Dentro dessa perspectiva e das vivências trazidas por esta pesquisa, inicialmente numa condição de observadora, depois como atuante no espaço de saber, é que trago a relevância do tema, entendendo que é preciso uma inserção mais objetiva no espaço escolar a fim de promover mudanças de olhares. O processo de desconstrução e descolonização é contínuo e o será por muito tempo. Por isso, tendo a escola como ponto crucial no processo de ensino-aprendizagem, de relações interpessoais, de socialização de diferentes saberes, valores, crenças, culturas, religiões, o papel do educador enquanto mediador, os materiais utilizados, a dinâmica e metodologias utilizadas devem ser criteriosas.

Apresentamos a análise de três obras da literatura infanto-juvenil de autoras negras, investindo nas possibilidades do fazer pedagógico numa linha de abordagem antirracista dentro do espaço escolar, mostrando as possibilidades de apresentação, introdução e transformação de conceitos numa linguagem fácil e acessível, buscando a própria identidade na negritude do corpo e mente que foi negada e violada por muitas gerações. É possível e necessário valorizar a cultura manifesta na dança, na luta pela resistência.

Não podemos, por desconhecimento de quem somos, negar nossas origens afro-brasileiras, negando nossa pele, nosso cabelo, nossa cultura. Desconsiderar de onde viemos, nossa luta, nossa resistência para não perdermos nossos vínculos com a mãe África. Precisamos juntos

construir uma nação que acolhe e abarca toda a sua história sem precisar se envergonhar de quem é. No espaço escolar, especialmente o Municipal, onde a quase totalidade dos alunos são negros, é que esse autorreconhecimento, esse resgate de identidade precisa acontecer, devolvendo a cada um as perspectivas de autoafirmação e reconhecimento que lhe foram negados desde a colonização.

Entretanto, faz-se necessário reconhecer que tais ações ainda são pequenas, porém importantes na construção de uma nova mentalidade. Não podemos calar, nem acreditar que nada pode ser feito diante de uma estrutura social alicerçada na discriminação de pessoas desde a infância (desde a colonização). Nos sensibilizarmos através das nossas próprias vivências é o ponto de partida para o fazer pedagógico com um olhar mais atento, mostrando ao mundo de maneira coerente quem somos e como somos: negros e negras que vislumbram a diversidade.

Por fim, deixamos como referência autoras negras que referenciam uma literatura voltada para a positividade da imagem negra, permitindo um maior acolhimento e aprendizado de questões tão relevantes. Aos educadores um direcionamento ao ensino de literatura infanto-juvenil, apresentando-lhes obras com novas roupagens e novas linguagens. Para mim um caminho onde continuarei a tráfegar na busca por novos horizontes, que possibilitem a valorização da identidade negra como patrimônio nacional na construção de uma sociedade civil antirracista.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **Brasil Afro autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea** – Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, C. O educador e sua relação com o passado. **Educação em Revista** [online], v. 28, n. 3, p. 205-217, 2012.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 158 p.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-racial e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e África**. Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: Acesso em 07 set. 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka; [Nina Rizzi]. São Paulo: Boitáta, 2018.
- HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UERJ, PPCIS/UERJ, vol. 3, no 2, 1995, pp.464-479.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina (2012). **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte.
- DEBUS, Eliane Santana Dias **literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção**. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. *Educ. Pesquisa.*, Jun. 2003, vol.29, no.1, p.167-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acessado em 24 jan. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. “Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica”. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Lucia Maria de Assunção &

SILVÉRIO, Valter Roberto (org). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Editora autores associados, 2006.

GOMES, N. L. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça**. Educação e Sociedade, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Portal Geledés: Instituto Da Mulher Negra, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na sociedade brasileira. In. **Movimentos Sociais Urbanos: memórias étnicas e outros estudos**. Org. Antônio Silva Brasília, ANPOCS, 1984.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 3ªEd.–Brasília:Ministério da Educação,Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

NASCIMENTO, Daniela Galdino. **O terceiro espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03/ tese de doutorado na UFBA, Salvador-Ba 2019**.

OLIVEIRA, Maria Marlyde. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Educação, **Literatura infanto-juvenil e relações étnico- raciais**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.4, n.2, dez.2015. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/28117-61010-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/28117-61010-1-PB%20(1).pdf)

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia**. In: Novos Rumos. nº 37. 2002.

ROSEMBERG, F. Literatura infanto-juvenil e ideologia. São Paulo: Global, 1985. <https://leiturinha.com.br/blog/8-grandes-autores-negros-da-literatura-infantil-2/>

ROSA, Sonia. **Capoeira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004

RODRIGUES, Martha. **Que cor é minha cor?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005, 24p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** Belo Horizonte ; 2017. (feminismos plurais)

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros: **Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Marcelo Gomes da. Traços de cidadania: **o papel da educação na formação do sujeito**. Revista Educação Pública (Rio de Janeiro), v. 1, p. 1, 2013.

SILVA, Ana Célia. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.182 p.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop**. São Paulo: parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Florentina. **Cânone literário**. Revista Crioula. Belo Horizonte. nº 20, p. 19-39 2º sem. 20